

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
SOCIAL E INSTITUCIONAL

Carmen Ines Debenetti

POR UMA CLÍNICA DO IMPESSOAL: ARTICULAÇÕES  
ENTRE O CORPO E O TEMPO

Porto Alegre

2006

Carmen Ines Debenetti

POR UMA CLÍNICA DO IMPESSOAL: ARTICULAÇÕES

ENTRE O CORPO E O TEMPO

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Profa. Dra. Tania Mara Galli Fonseca

Porto Alegre

2006

## DEDICATÓRIA

À Tânia Fonseca, pelo acolhimento no meio do caminho.

Aos meus familiares, por tolerarem minha ausência neste período de criação.

Aos meus pacientes, por tudo que me ensinaram e me fizeram ver.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi produzido a partir de encontros e marcas de parte de uma vida, que foram deixando inquietações. Inquietações que me fazem sempre muitas perguntas, as quais tento, pelo menos em parte, sistematizar nesta dissertação.

Há uma música de Gonzaguinha: “Caminhos do Coração”, que diz: “Aprendi que se depende sempre de tanta muita diferente gente, toda pessoa é sempre as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas”.

São tantas pessoas que viveram comigo cada momento desta caminhada. Quero agradecer, especialmente:

À minha orientadora, Tania Mara Galli Fonseca pela sensibilidade e boa combinação, que fez possível esta criação.

Às minhas colegas de mestrado, Andréia, Christiane, Débora e Fátima, por estarem sempre por perto.

À Rosane Neves da Silva e Rejane Csermak, pelas contribuições na banca de qualificação do projeto.

Às minhas supervisionandas, sempre interessadas e entusiasmadas pelo que tenho desenvolvido.

Às minhas sempre amigas Maria Virgínia Döör e Karla Nyllan, pelos sinceros incentivos.

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de ampliar conceitualmente a clínica, não para formular um modelo clínico, mas para promover uma forma de pensar sobre a intervenção clínica. Diz de um ponto de vista, que corresponde a substituição da noção de origem e de retorno à origem, que seria a valorização da representação, para dar relevância à expressão do corpo, como apreensão das forças existentes. Sustenta-se na linguagem corporal como constitutiva, que contrapõe o corpo como afecção ao corpo dos afetos e dos sentimentos, trazendo à tona a comunicação, que está associada ao originário, ao impessoal, onde o corpo é mudo, onde ele ainda não é; operando, portanto, uma fundação primeira.

Nesta concepção, o corpo ganha um novo sentido. É o grande personagem conceitual, com função de ferramenta que opera como um heterônimo. Recoloca-se o corpo no plano da impessoalidade do ser; tratar-se-ia de esquecer a história do eu para dar passagem ao pré-individual e ao impessoal que já está e se potencializa no encontro dos afectos.

Privilegia a região do pré-representativo, como um fundo indeterminado, que funciona como tendências, marcas, traços dos sujeitos; o tempo como duração que potencializa virtualidades no encontro. A produção de sentido desliza da origem para o entre os sujeitos. É na relação que se engendra o sujeito. No entre, onde há apenas o vazio, o não-ser, emergirá o sujeito na sua singularidade.

A escuta clínica sustentar-se-ia nessa linguagem do corpo, um inconsciente que não conhece palavras, porque é corporal, indizível e invisível. Aquilo que não remete a nenhum significado, requer uma outra relação com a clínica, que se daria naquilo que não temos para pensar, mas antes, dando passagem ao que não tem nome, ao impensável, ao inominável, e que, ao fazê-lo produz o sentido.

**PALAVRAS CHAVES:** Conceitualização da clínica: clínica do impessoal, impensado na clínica, pré-representativo, criação.

## ABSTRACT

The following paper aims to extend the clinic treatment conceptually, not to frame a clinic model, but to promote a way of thinking over clinic intervention. It is said from a point of view, which corresponds to a substitution of the origin notion and to the origin return, that it would be the representation value, in order to be relevant to body expression, like existing power grasp. It is supported on the body language as constitutive, opposing counterwork the body like disease to the feelings and affections body, bringing up communication, which is associated to the original, interpersonal, where the body is dumb, where it is nothing yet, therefore working as a first foundation.

In this concept, the body gets a new meaning. It is the great conceptual character, with the role of a tool that works as a pseudonymous. The body is placed again on an impersonality of the being state; it would be a matter of forgetting the self history in favor of the pre-individual and impersonal which are already there and get stronger when affections meet.

It emphasizes first the pre-representative region as indefinite background, which works as tendencies, marks, personal traits, the time as the length to power virtualities at the meeting. The sense production flows from the origin to between the subjects. It is with the relation that the subject is created. In this between, where there is only an empty, the non-being, a subject will emerge in his singularity.

The clinic listening is supported by this body language, an unconscious that does not know words because it is body, unspoken and invisible. Something that does not lead to any meaning, that needs another relation with the clinic, that would be in something we do not have yet to think about, but before that, opened to what has no name, unthinkable, *inominável* and by doing that, it starts making sense.

**KEY WORDS:** clinic conceptualization: impersonal clinic, unthinkable while in clinic, pre-representative, creation.

## SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO: A CLÍNICA PERTO DO CORÇÃO SELVAGEM .....	07
II – O ADVIR DO IMPENSADO NA CLÍNICA	35
III – O ADVIR DA CRIAÇÃO NA CLÍNICA ....	59
IV – A CLÍNICA DO IMPESSOAL: COMO PENSÁ-LA? .....	72
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	97

## I – INTRODUÇÃO: A CLÍNICA PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM

Bem atrás do pensamento tenho um fundo musical. Mas ainda mais atrás há o coração batendo. Assim o mais profundo do pensamento é o coração batendo.

Clarice Lispector.

Gilles Deleuze (1997) dirá que a literatura pode ser um empreendimento que põe em evidência a criação da saúde. Neste sentido, escrever não é contar as próprias lembranças, sonhos e fantasias, que impõem uma forma à matéria vivida. O que conta são as sensações que os escritores experimentam ou fazem experimentar em suas visões; estas são verdadeiras idéias que o escritor vê e ouve nos interstícios da linguagem, como passagens que dele fazem parte, algo que só pode ser revelado no devir. Isto coloca a boa literatura do lado do informe e do inacabado; começa quando sob a aparência da pessoa se descobre a potência de um impessoal que liberta a vida em toda a parte onde esteja aprisionada. A saúde como a escrita consiste em inventar um “povo que falta”, possibilidades de vida.

Em Clarice Lispector, encontra-se uma literatura como um jogo de forças que permite experimentar uma zona de indeterminação, onde o sentido já não se garante pela sua separação do não-sentido. Palavra e coisa produzindo a escrita, produção de uma realidade nova que vem à luz do “coração da treva”, num gesto ancestral, da animalidade subterraneamente inatingível pelo conhecimento. O exercício da criação é pensado pela autora como necessidade de inventar-se a cada instante, de formular-se



através de “novos sinais e articulações novas em formas que se localizam aquém e além de qualquer história humana”. ( Lispector, 1973, p. 24)

Seria a linguagem autêntica, da qual fala Merleau-Ponty (1992 apud Naffah Neto). Ele distingue o uso abstrato e empírico da linguagem, daquilo que denominou de uso criativo, para pensar suas formas de articulação com o acontecer psíquico. Esta literatura é construída pela sensibilidade de um escritor, capaz de ceder seu corpo para que seja habitado pela sua criação, desde o sopro do vento até sua relação de totalidade com os segredos da vida e do universo. O que eclode está escondido atrás do coração selvagem, reencontro com o texto primitivo, o inconsciente pré-verbal, como produção viva incessante, sem repetições, como se fosse a decifração do mundo desde o indizível e o inominável. Aquilo que sequer suspeitamos, torna-se acesso à intimidade de um certo tipo de vida, de mentalidade, de mundo e que, invisível aos olhos, torna-se entrada num mundo desconhecido e estranho, capaz de produção inédita.

Gilles Deleuze e Felix Guattari (1997) falam de uma zona de indistinção, no nada, esse neutro, onde o mais primitivo do humano existe em contínuo vivo com as coisas, com seus circundantes e com o mundo. A vida está imersa num fundo invisível, onde não tem forma e pulsa por todos os lados, esperando um momento para ser criada. Fundo que tem uma potência que dissolve as formas, e, impõe a existência desta zona em que não se sabe mais quem é animal e quem é humano, porque algo se levanta como triunfo de sua indistinção. É assim, que Lispector (Op. cit., p. 57) retrata a indistinção entre o humano e a animalidade: “Estou agora ouvindo o grito ancestral dentro de mim: parece que não sei quem é mais a criatura, se eu ou o bicho. E confundo-me toda. Fico ao que parece com medo de encarar instintos abafados que diante do bicho sou obrigada a assumir”.

É preciso então, compreender os intermediários, os hiatos, os vazios destas zonas indiscerníveis e indecidíveis. Segundo Deleuze e Guattari (1997), elas revelam as forças escondidas no fundo, que partilham a mesma atmosfera. Pela sua zona de vizinhança e indiscernibilidade, as variações destas zonas se tornam inseparáveis e por isso, deixam de ser associáveis, discerníveis ou ordenáveis, segundo as exigências da razão. É o informe que devora os símbolos e a palavra, reencontra o texto primitivo que formula a composição do caos que dá a visão ou a sensação. O caos que, como abismo indiferenciado, por linhas de virtualidade, faz a ligação entre o humano e o selvagem. No caos há um jogo selvagem de forças, ao qual os homens têm acesso sempre em função da fissura subjetiva que reparte as coisas e as palavras, para articulá-las e produzir o sentido sempre originário. A composição se produz sobre um plano de imanência, na medida em que se recorta a variabilidade caótica, que dá consistência, ou seja, a visão da realidade. Remete a um caos tornado consistente, tornado pensamento.

Esta zona, entre as palavras e as coisas, é o lugar do impessoal, lugar tópico que não é nem exterior, nem interior. Um campo transcendental impessoal, onde a vida de tal sujeito se apaga em proveito da vida singular imanente. Para René Schérer (2000), a lógica paradoxal da vida é: ali onde morre algo, desabrocha a vida; é a mais original e autêntica expressão de si que só se conquista pelo impessoal, que desdobra, em suas linhas, o que permaneceria encoberto nas dobras secretas de uma experiência interior. Somente o impessoal faz cair o muro das interioridades, abre o repisar do “eu penso”, “eu sou”, para outras formas de experiências que não são da ordem de um sujeito solitário, mas dele procede.

Em cada corpo, uma vida ainda sem forma pulsa, vida de ninguém, que pertence ao vazio infinito e ao devir. Tal qual referira Maurício Porto (1996), corpo pensado como ponto de confluências de múltiplas inscrições tanto pré-primitivas – todos os

materiais arcaicos, os gritos primais, os mundos-manchas – como também as parcialidades de objetos que se aproximaram de integrações; e que todos estes conteúdos serviriam para alimentar a construção de um desenho, de uma superfície, de um lugar para si, de uma “linguagem-espço”. A vida do sujeito daria lugar a uma vida que vem do coração primitivo, que se abre à superfície e libera as singularidades impessoais e pré-individuais que ele aprisiona e solta-as como potências que explodem num acontecimento. O enigmático paradoxo da vida, seria manter a passagem entre o mundo da comunicação humana e a escandalosa animalidade, com a qual é impossível conviver, mas também é o que abre caminho às possibilidades de vida.

Faço uso da noção de coração selvagem de Lispector, para caracterizar a animalidade que jaz no mais profundo do ser humano, o oculto do qual não se quer falar e não se quer que fale. Em Lispector, o coração selvagem aparece como zona de indistinção entre o humano e o selvagem, que ela chama “invisível núcleo da realidade”.

Associo a noção de coração selvagem de Lispector com o conceito de originário de Piera Aulagnier (1979, 2002), enquanto fenômeno do indizível e do não comunicável. O processo originário está inscrito como algo arcaico que se constitui como um não-pensável. Como originário do corpo expressa-se por um estado sensorial, a-significante e, embora, sua categoria de matéria heterogênea ao eu, produz efeitos, ou seja, movimentos de investimento ou desinvestimento nos objetos externos e no mundo. Portanto, uma intensidade do corpo que embora não faça parte do que é conhecido, delimita a constituição do ser.

A noção de originário do corpo, tratando-se do processo originário de Aulagnier ou o coração selvagem de Lispector seria o primitivo do corpo, núcleo de singularidade do sujeito, que não deve ser domesticado, mas ser pensado desde seu potencial de

criação. O “indomesticado selvagem”, para Chaim Samuel Katz (1996) que não se quer prisioneiro dos seus afetos em sistema algum, mas sim, em busca do novo e criativo, permanentemente. A este originário do corpo, como a-significante, onde o signo habita, corresponderia o conceito de acontecimento. (Deleuze, 2003). O acontecimento é indiferente e neutro às determinações do interior e do exterior do corpo, pois seu atributo é de outra natureza que as qualidades corporais. Caracteriza-se como impessoal, porque é composto de singularidades nômades que não são aprisionadas à individualidade fixa do ser, nem aos limites do conhecimento. Alguma coisa que não é nem individual, nem pessoal, é de outra natureza que as ações do corpo, mas resulta delas: o sentido é o efeito das causas corporais e suas misturas. Comporta um potencial que produz e atualiza o eu, mas não se parece ao potencial efetuado. Produz um novo discurso que não é o da forma, tratando o sentido não como representação, mas como signo. Sob esta ótica, seria um virtual, um vir-a-ser.

Está-se frente ao plano dos impessoais, o plano do irrepresentável, lá onde o corpo se faz paixão e afecção, e, se faz no ultrapassamento das camadas localizadas e estratificadas do eu e da identidade. Aquilo que não remete a nenhum significado, aquilo que está no campo das intensidades, “aquilo que quer permanecer mudo”, requer uma outra relação com a clínica, que não se daria no que temos para pensar; mas antes, dando passagem ao que não tem nome, aos invisíveis que buscam passagem e que, ao fazê-lo, produzem rachaduras.

Para a Psicanálise, a imagem de um eu totalizado, individualizado, estável, sempre foi imaginária. Os humanos nunca puderam existir numa forma coerente e unificada. Segundo Nikolas Rose (2001), a ontologia humana é necessariamente a ontologia de uma criatura despedaçada no seu próprio núcleo. No lugar de um eu, proliferam novas imagens de subjetividade, inscritas na superfície do corpo,

descentralizadas, nômades, múltiplas. O sujeito não é a origem, mas uma invenção nos instantes-já, um efeito da diferença, resultado de contínuas improvisações e experimentações. Lispector (Op. cit., p. 8) assim define a multiplicidade e precariedade do ser: “Meu tema é o instante? Meu tema de vida. Procuro estar a par dele, divido-me milhares de vezes em tantas vezes quanto os instantes que decorrem, fragmentada que sou e precários os momentos...”

Desta forma, o ser que se institui como humano não parece estar, como pretende, no controle do que pensa e faz. E, além disso, esse ser não fala – é falado. Modulou-se um eu que apaga seus rastros e aparece um ser original e transcendente. Friedrich Nietzsche (2003) já diagnosticara que o homem vive um profundo desconhecimento do corpo e, ignorante desse estranhamento sequer chega a senti-lo. Mas, se é negando que o pensamento pode edificar um mundo, deixando na obscuridade a natureza primitiva - estado primário de liberdade - o sujeito abandona-se ao seu próprio peso, sem o contrapeso da luz.

Deleuze (1998) pensa a natureza como potência, devir e vida, onde o homem é a expressão imanente. O homem primordial adquire sentido por ser sobre sua base que se inventam as formas de uma nova sociedade. Virtude do impessoal que engendra a vida, porque como se diz em Diálogos, a vida “não é algo pessoal”. Não se trata de um eu, mas sim de um impessoal que se ergue triunfante. Ninguém está aí, são exceções que manifestam sua presença. São modos de subjetivação que não são os de uma substância, de uma pessoa, mas de relações e intensidades que tem o poder de afetar e ser afetado. Seria dar lugar ao que se recusa falar e que desativa os atos da fala. Quando falta a linguagem ou um vazio se abre, fica-se no limite, à beira da fenda, no abismo. Lispector (Op. cit., p.61) retrata a suspensão do vazio: “Estou neste instante num vazio branco esperando o próximo instante”.

Na gênese dos textos de Clarice Lispector, a forma parece nascer com esta nova linguagem corporal, o corpo incógnito como semente viva, que lida com a matéria-prima selvagem, com o olhar “de uma pessoa primitiva que se entrega toda ao mundo” (Op. cit., p. 12), como alguém que segue “o tortuoso caminho das raízes rebentando a terra.” (Op. cit., p. 23). Lispector escreve com a selvagem intuição de si mesma, cujo principal está sempre escondido, lida com o enigma da natureza, escreve em signos que são mais o gesto, do que a palavra ou a voz. O signo ao morder a isca, incorpora-a e a faz ser, escrever não é para ler, é para ser. O eu é anônimo, escreve porque não se entende. “O que estou fazendo ao te escrever? estou fotografando o perfume.” (Op. cit., p. 64) Há, portanto, um lugar de criação, liberado de sua dependência em relação ao sujeito pessoa. Do eu imobilizado em seus vividos psíquicos, salta o impessoal. Ele pratica um desvio, uma linha de fuga em que vida e criação por intermédio do impessoal se fazem indiscerníveis uma da outra.

Em Lispector, as palavras não estão ali para classificar e abstrair a realidade, nem para representá-la. Elas constroem uma realidade que antes delas, não existia. Constroem-na através do próprio movimento pelo qual se produzem e se articulam como palavras, como se a cada página se desmanchassem num fundo indefinido para reaparecer transmutadas em novas formas, estranhas e inusitadas e então, novamente se desmontassem e se rearranjassem, num jogo sem fim que, a princípio, nos põe num universo desconhecido e incompreensível. Tentativa de capturar o impossível da natureza, quando as palavras não querem dizer, mas continuam sempre dizendo nada mais além do que exibem.

Não submetido às regras da organização do mundo, do cosmos e do eu, o impessoal, este coração selvagem, mergulha no caos, no abismo e, é a partir das forças que daí retira que ele traça, na superfície, sua singularidade. O caos suscita a visão e

desdobra nele, o indivíduo primordial. Assim, fora dos princípios convencionais da ordem, subjaz um modo de ordenação outro, uma ordem originária, um mundo para além da sua configuração visível. Imenso espaço que parece ter uma vida interior, como um caos inconsciente, onde o fundo dos corpos e do mundo sobem à superfície e nela se envolvem, constituindo-se num movimento que vai da profundidade à superfície, recuperando todo o infra-sentido incorporal. Assim, fala Lispector (Op. cit., p. 14) deste mundo. “É um mundo emaranhado de cipós, sílabas, madressilvas, cores e palavras – limiar de entrada de ancestral caverna que é o útero do mundo e dele vou nascer”.

Estamos mergulhados no infinito, num caos, que se pode chamar de inconsciente que cria mundos. Pensaria um inconsciente que dá consistência a tudo o que pulsa e busca expansão e intensificação, a indivisão do sentir, numa dimensão em que somos carne do mundo e o mundo é nossa carne, numa imbricação mutuamente envolvente, na mais completa reversibilidade. Parece ser o inconsciente do qual fala Alfredo Naffah Neto (1992). Encontramo-lo, quando nos dispomos a interrogar o silêncio e a contemplar a escuridão, que pouco a pouco e como num passe de mágica, das entranhas do vazio, começa a brotar uma nova condição de visibilidade, capaz de subverter nossa experiência ordinária com o brilho raro do sutil e do inusitado.

O acesso que temos ao mundo se dá pelos recortes que fazemos. As coisas não querem dizer nada, elas funcionam e produzem efeitos, o que se quer saber é que regimes semióticos estão sendo acionados, que intensidades estão passando, que diferenças estão se atualizando. O engendramento é permanente, há informes e múltiplos que se constituem e o que temos é uma rede de conexões que não pára de se fazer. Pergunta-se não pelo fundamento, mas o que está se operando na produção dessas conexões. Assim, seria uma clínica pensada como um grande plano de

experimentação de intensidades que vem à luz da obscuridade primitiva da vida, da origem selvagem. Os corpos atravessam enredos do mundo e o mundo ganha expressão na finitude do corpo, então os corpos se abrem, tornam-se menos sólidos, porque se conectam com sua própria multiplicidade que é também aquela do mundo. Quando não se fazem imposições empobrecedoras, abre-se a relação intensa de corpos e fala, que abre posições e cava intervalos até então impensados; a história toca o devir e transforma os corpos.

Para delimitar a constituição do homem, deve-se, então, primeiro traçar as fronteiras de seus desertos interiores de limites movediços, nas fronteiras entre as linhas fugidias que separam o humano do selvagem. Jean-François Mattéi (2002) referirá que em seu sentido primitivo, o humano tem sua origem na criação da barbárie interior, como seu “outro-que-o-funda”, oferecendo-lhe, por meio da diferença, a possibilidade de uma identidade. Numa forma análoga, Barbara Stiegler (2005) dirá que o “ser” implica uma confrontação mais originária pré-humana, animal, carnal com o fluxo daquilo que lhe acontece; porque afirmar, negar, acoplar, separar são atos que se inauguram com as primeiras formas de vida. Um pré-entendimento em que a carne se lembra e testemunha e, embora não fale a língua da consciência, a carne se escuta o tempo todo dizer sim e dizer não ao que lhe acontece.

Assim sendo, o sujeito não seria uma unidade-identidade, mas envoltura, pela fronteira; sua interioridade transborda em contato com o exterior. O texto que produz o sentido emerge no interstício de indeterminação – nesse aquém e além do humano – que se desdobra no Fora, no mundo, com o outro. Logo, o sujeito é um agenciamento contínuo, que dá consistência ao que se passa entre dois e contra o eu. Ele reintegra incessantemente tudo que pareceria escapar às suas esferas de influência. Marcus Doel (2001) afirmará que o sujeito é uma “obra-em-andamento”, um lugar infindável para a



experimentação e invenção, que sofre a contínua variação do Devir-Outro e, perdura por meio de um contínuo romper-se. Seu lugar é o de “embaraçamento interminável”: unidade sem identidade, “fluxo-esquize”, “corte-fluxo”. Tudo é fluxo, o estado vivido é corte-fluxo, onde cada intensidade está ligada à outra intensidade de maneira que algo passa. O homem é o único que corta o fluxo e recria, tornando-se ele próprio uma espécie de congelamento de fluxos.

O humano é o ser mais aberto ao fluxo. Para Stiegler (Op. cit.), o fluxo do exterior o afeta e transforma sua organização interna, provocando necessariamente sofrimento. A hipertrofia da memória que tornou possível a incorporação do mais longínquo passado e a maior responsabilidade frente ao futuro, é também o que ameaça sem trégua o humano de se fechar à tolerância do fluxo. Seu sofrimento do fluxo tornou-se ódio e seu ódio levou-o a inventar, contra o devir, a esfera fictícia do sempre-presente; o ser ou a substância, compreendidos como permanentemente opostos ao mundo do devir. Por outro lado, o texto primitivo, é assustador. Talvez seja, porque ele está condenado a sempre se reescrever e organizar o fluxo caótico daquilo que lhe acontece, fluxo desprovido de toda a estabilidade, ordem, coerência e de qualquer medida. Lispector (Op. cit., p. 47) dirá da resistência à animalidade que faz perder-se na torrente do devir: “Na minha viagem aos mistérios ouço a planta carnívora que lamenta tempos imemoriais: e tenho pesadelos obscenos sob ventos doentios”.

Mas, o esquecimento do texto antigo faz o homem ignorante das causas e da sua natureza e, condena-o a sofrer os efeitos cuja lei lhe escapa, tornando-o escravo de qualquer coisa. A interioridade, quando privada da luz do mundo e dos outros, se submete aos reflexos invertidos do humano e do primitivo, não podendo nenhum dos dois afastar-se de seu enclausuramento. Esta subjetividade desprovida de abertura, enclausura o sujeito em si mesmo, o qual corre o risco de permanecer sujeitado a si

mesmo, e, perpetuar-se como um objeto de representação. Além disso, a relação consigo mesmo, conduz a uma identificação com qualquer instância que possa dar-lhe uma qualidade. Expor-se ao Fora, implica, com efeito, dele sofrer e, em certa medida correr o risco de adoecer. Segundo Stiegler (Op. cit.), o fechamento do fluxo leva o homem a produzir um indivíduo sem memória, essencialmente ocupado em se adaptar ao presente e às suas dificuldades e, cada vez mais incapaz de incorporar o excesso de fluxo e suas contradições. Encontrará em si, portanto, a forma vazia de uma razão solitária voltada para ele mesmo.

Nesse domínio do íntimo demais se passam coisas pouco tranquilizadoras. O individualismo não possibilita pensar o próprio pensamento, sentir os próprios sentimentos, viver a própria vida. O homem não é capaz de tomar consciência sobre seus atos, porque lhe é impossível captá-los sob uma luz diferente da sua. Se puder pensar, talvez possa pensar sobre o diferente e o estrangeiro de si, que faz dele o elo inconsciente de seu devir. O pensamento não conduz, como pensamento, ao saber, mas ao sentido da existência, da significação da vida humana tal como é experimentada concretamente. O pensamento instaura uma cesura original no fio do tempo. Ele é o hiato que permite ao homem suspender uma ação e estabelecer uma ruptura na rede tecida de desejos, que é fluxo contínuo da vida. O pensamento abre uma fenda entre o passado e o futuro, a fim de inserir-se nesse intermédio, inserção no fluxo, da temporalidade, como o começo absoluto da liberdade. O homem é assim, a cada instante, um começo absoluto, porque o pensamento tem o poder de interromper o encadeamento da vida animal para se alojar nesse intermediário. Nesse vazio entre passado e futuro, o homem encontra seu lugar no tempo quando pensa e abre-se para o infinito.

Um novo princípio ético se imporia para dar sentido a um sujeito singular, descentrado. Em Stiegler (Op. cit.), a diferença do homem em relação ao animal não passa mais pelo ser, nem pelo logos, mas por uma capacidade excepcional de incorporar o excesso de fluxo na sua própria carne daquilo que lhe acontece. Neste sentido, a ética que se imporia seria encontrar o elemento exterior que rege a singularidade de toda a existência humana. Pensar o homem seria pensar para além do homem, em relação à transcendência da idéia, a única que pode resolver essa oposição problemática, no mesmo ser, entre o civilizado e o selvagem. Permite garantir a diferença e a individuação, uma e outra estando sempre ameaçadas, tanto do lado do fluxo, pelo caos, quanto do lado da espécie humana pelo fechamento do fluxo e a perda da individuação que ele engendra.

Assim, segundo Mattéi (2002), tratar-se-ia de inverter a linha de pensamento para levar o sujeito representativo, subjetivo e identitário para um campo pré-subjetivo e pré-objetivo, onde se constitui tanto o sujeito como o objeto. Subjaz ao saber, um saber que só pode ser compreendido a partir desse campo prévio, um plano imanente. Stiegler (Op. cit.) dirá que o humano é aquele que deverá aprender a reatar aquilo que ele separou, ou seja, suas ligações pré-humanas, que é o que constitui o fundo e a condição de possibilidade do verbo ser que lhe permite os recortes e os laços sobre os quais ele tem a responsabilidade.

Para Miguel Domènech et al (2001) implicaria, instituir outra sensibilidade e criar conceitos que rompam com as modalidades dominantes de pensar e representar a subjetividade, e, que são inseparáveis de novos perceptos (novas maneiras de ver e escutar) e de novos afectos (novas maneiras de sentir). Conceitos e não metáforas, porque a metáfora implica uma relação com algo que já existe, remete a um significado prévio, enquanto que os conceitos atuam como imagens performáticas que não reduzem

a linguagem ao logos, porque mais do que significar, buscam cartografar futuras paisagens, construir uma região no plano, acrescentar uma região às existentes, explorar uma nova região, preencher vazios. Conceitos e não essências, desenhando uma subjetividade em movimento e continuamente produzida.

Logo, a origem contida no originário do corpo, no seu texto primitivo, constituir-se-ia num plano pré-subjetivo e pré-representativo, que fora de sua lógica cronológica e lineal, dá lugar a uma nova lógica, onde o texto primitivo está sempre reescrevendo o corpo, a partir das conexões com o Fora. Deixando-se na obscuridade a natureza primitiva, produz-se um homem ressentido que, ao invés de criar, repete-se, adaptando-se ao presente e às suas dificuldades. Só a produção do novo, como algo que se torna visível com seu aspecto de choque e de formação, com seu poder de novidade sempre inacabada e aberta, dá condições a um fazer incessante. Na leitura de Jeanne Marie Gagnebin (1999) sobre as reflexões de Walter Benjamin, a respeito do originário, o autor, afirma que a origem, por dizer respeito à pré e à pós-história, não emerge dos fatos constatados. Não é, portanto, uma fonte e não pode ser reconhecida como uma restauração, uma restituição, mas como algo que está inacabado e sempre aberto como uma ferida. Surge como um sintoma, uma crise que perturba o curso normal do rio e faz ressurgir os incorporais esquecidos pelo rio. Um incorporal que emerge, que agita e acusa, que entra em “estado de choque” como uma catástrofe que faz conjunções excepcionais, nas quais a origem se renova a cada vez.

Cabe interrogar sobre a maneira de pensar a clínica que privilegia uma “escuta” da sensorialidade primitiva do corpo, para além, da nossa escuta no registro da fantasia e da palavra. Sabemos estar frente a uma lógica que não captamos e que, ao mesmo tempo, apresenta zonas de funcionamento diferentes. A relação paciente-terapeuta, constitui-se a partir de um certo nível de elaboração psíquica e, a partir deste nível,

funciona o eu do paciente que pensa um saber sobre si e o eu do analista, que pensa e exerce sua função terapêutica. Como pensar uma clínica que privilegia a intensidade, aquilo que é impossível comunicar, o invisível do texto primitivo. Enfim, com aquilo que está sempre se reescrevendo.

Em minha experiência, encontro, por vezes, afetos que por se tornarem incomunicáveis por palavras, geram muito sofrimento, que é revelado por estados emocionais intensos. São momentos paralisantes, não só para nós como terapeutas, como também, para o paciente, pela intensidade de angústia que implicam. Além disso, interrogam nosso referencial teórico-clínico e provocam uma lacuna em nosso saber. Será que se nos permitirmos um olhar mais apurado e buscarmos outros conceitos para dar conta dessa complexidade da clínica que nos ocupa, no momento atual, podemos trazer luz para pontos obscuros ou um pouco de obscuridade para o que se apresenta como demasiado claro e demasiado humano?

Neste sentido, pode-se propor uma escuta de novas formas de subjetividade, se o nosso fazer clínico for pautado por uma postura interrogativa, onde enxergaríamos o que sucessivamente tentamos evitar ou o que não se mostra. Penso que se silenciarmos os excessos e as intensidades, isto que é invisível, eliminamos as surpresas e os imprevistos que provocariam o caos de uma forma de pensar bem estabelecida, mas estaríamos, também, silenciando as possibilidades de vida que pulsam por todos os lados. O sujeito que teríamos, seria um sujeito representativo, centrado em si e em suas dificuldades, doente de sua memória.

Neste contexto, meu tema é a exclusão desse corpo mudo e sua sensorialidade da escuta psicanalítica, que implica que se deixe de pensar um potencial de transformação que comporta o corpo, e, o que se articula e se produz entre os corpos que passam. Tudo se conhece e se reenvia a uma busca do sentido no passado,

deixando-se de pensar os devires, as transformações, isto que se reescreve e que funda a cada vez uma nova origem. Se há um saber, ele diz respeito à repetição e à representação.

Mariane, que está em psicoterapia há 10 meses, chora sempre que evoca lembranças de sua mãe e tenta de todos os modos possíveis evitar o assunto, assim como evitou, durante as últimas décadas de sua vida, o contato com sua mãe. O que sente é a existência de um “buraco”, de “vazio” que acredita nunca ser possível preencher. Muito mais do que isto não pode falar.

Seu choro insistente ressoaria as impressões arcaicas em circulação para além das inscrições representacionais? Podemos pensar que existem outros lugares além da representação e da repetição para este fenômeno? Até onde podemos levar uma análise? Um caminho, seria entender o choro e o contato impossível com a mãe como um retorno de um já vivido nos primeiros anos de vida, como inscrições traumáticas. Tratar-se-ia, então, de apagar ou alterar as marcas do corpo e curá-lo. Porém, a clínica nos convoca para impasses que tornam obscuros os conceitos, há muito, conhecidos. O que se apresenta é algo do início da vida de Mariane, contudo, penso que se trata mais de pensar, para além do que ele representa, ou seja, com o que e como este início faz conexões com o que acontece. O que acontece seriam vivências novas, que dão um outro sentido ao que existe, transformando o corpo em outro corpo.

Penso o originário não idêntico à natureza do eu, mas como a-significante, parte do corpo intensivo. Há portanto, uma outra lógica para pensar a clínica, a partir de algo novo que se constitui nas relações significativas de um sujeito, mesmo depois de passados muitos anos de sua constituição infantil. Novo que está além do campo representativo. Resposta por tempo procurada e, encontrada na ampliação da teoria da psicanálise das configurações vinculares, que abarca o conceito da constituição do novo.

Para Isidoro Berenstein (2004), cada vínculo comporta uma alteridade e, portanto, não é só da ordem da repetição, é também da ordem da produção do novo. Este novo é o que transforma o eu. O estabelecimento de outras origens quebra com a linha cronológica do tempo, porque algo novo está sempre se constituindo e não está previsto na estrutura.

A questão da origem desconstrói-se, em minha prática, a partir desse referencial teórico e, abre-se um novo interesse em minhas reflexões sobre a clínica, que faz nascer um desejo de articular, de forma mais consistente, estes conceitos.

O pensamento deleuziano vira do avesso a questão da origem, que busca no passado o sentido para o que está acontecendo. Deleuze (2003) afirmará que o caráter essencial do sentido é sempre produzido entre os corpos e jamais originário. O sentido resulta das ações e paixões dos corpos e de suas misturas. Estes efeitos não são corpos ou estados das coisas, mas acontecimentos incorporais que resultam das misturas dos corpos.

Nesta perspectiva, o originário, certamente, não nos serve se pensado como um tempo a voltar e onde encontrar a fonte e a causa dos acontecimentos. A origem não deveria ser entendida em sua pretensão de reencontrar as fontes de como tudo se produziu, contudo, também não se pode esquecer tudo o que se produziu nos primórdios de um corpo. As lembranças não devem tanto explicar o passado, mas descrever precisamente o lugar onde os corpos tomam posse do que aparece, arrastando a matéria do que está em vias de se constituir.

Está-se frente a outro modo de pensar a origem, que seria com todo o potencial de criação e de possibilidades que implicaria, numa tentativa de problematizar a questão da determinação da origem e da constituição do sujeito, bem como, a construção de uma forma de pensar a intervenção clínica. Pensaria o originário como um impessoal, uma potencialidade selvagem, um acontecimento, onde as marcas “originárias” colocam-se

como escritos do corpo, signos que não são representações psíquicas inconscientes. Não se trataria de formas, mas de forças, fluxos e intensidades do corpo do sujeito. O eu sofre as conseqüências destas marcas, mas não as reconhece por não estarem metabolizadas em matéria comum ao que lhe é existente, ou seja, em “pensável”. Esses signos-acontecimentos estranhos seriam singularidades impessoais e pré-individuais que antecedem à gênese. É, assim, que uma possibilidade, um vir-a-ser antes da individuação, se potencializaria e se realizaria pelas singularidades dos corpos. A formação do corpo implicaria reescritura, a partir do texto primitivo e selvagem. Logo, não, simplesmente representação. A criação de significados procede, portanto, da conjunção entre a potencialidade do texto originário e o encontro com o Fora. Assim, a construção do sentido de si mesmo e de existência seria o efeito da presença. Desta forma, o sentido construir-se-ia ao acaso, seria o estranho do eu em conjunção com o estranho do outro que transforma o eu.

O originário seria, então, uma “força viva”, que, como Mariane o expressa, é um “buraco”, um “vazio”, ligado aos primórdios, mas que faz efeito no presente. Henry Bergson (1964) demonstra que, a evolução da vida continua um impulso inicial e representa aquilo que subsiste da direção primitiva do originário. Assim, o passado manifestar-se-ia pelo seu impulso e sob a forma de tendência, de possibilidade de atualização de virtuais. Isto quer dizer que o passado se prolonga no presente, e, aí permanece, agindo e fazendo atualizações. Da sobrevivência do passado, como tendência, conjugada com o efeito da relação com os outros, emergiriam os signos-acontecimentos, que delimitam o impossível. Um texto originário que carrega os primórdios, como um texto primitivo que produz o novo e a singularidade, a partir de sua relação com o Fora.



O originário, entendido sob esta perspectiva, rompe com as determinações do interior e do exterior do sujeito. A tônica se desloca do momento originário para o entre os corpos, como a causa que vai fazer congelar, repetir, aparecer. O que se passa entre os corpos é uma novidade radical que reinventa o originário, para abrir espaço para algo possível. Pertence, portanto, à ordem da possibilidade, que pode vir a ser atualizada no presente, pela relação entre os corpos. Os diferentes estados vivenciados “no entre” modificam o eu, sendo que, assim, o corpo se constrói outro a partir das conjunções de cada encontro. O eu é, então, atualizador. Reativa as virtualidades que se apresentam, criando interioridades.

Nesta perspectiva, pensaria o originário, não como um passado a ser repetido, mas, na perspectiva bergsoniana, como noção de um virtual, uma potencialidade selvagem de vida, um pré-formado que poderá passar à existência. Seria uma tendência que se atualiza no presente e faz possível o acontecimento, é, portanto, da ordem da impossibilidade, do impossível de prever. Isto recoloca o originário, na região do pré-representativo; um incorporal, um impessoal que ainda não se tornou corpo, que aparece se escondendo e de modo a-significante, fazendo alguma junção com o Fora. Torna-se potência que cria novos sentidos e significados que se integram ao eu, transformando-o e tornando-o diferente daquele que fez aparecer o devir. Então, a partir da relação que transforma, se constrói uma outra origem e um sentido sempre provisório. Coloca-se, constantemente, um novo ponto de partida, criando uma outra origem possível.

O plano da clínica seria, então, um plano não da afirmação da essência e do ser, mas sim um plano, onde os corpos e todos os incorporais se misturam e se afectam uns aos outros. Ser afectado é sofrer o efeito de um outro corpo no próprio corpo. Espinosa, reinventado por Deleuze (2002), compreendia que o corpo comporta uma infinidade de

partículas com relações de repouso, movimento, velocidade e lentidões entre si. Além disso, um corpo tem o poder de afectar e ser afectado por outros corpos. A vida então, é concebida como uma composição de velocidades e de lentidões, num plano de imanência, que faz misturas, composições, conjunções e produz um corpo outro, diferente daquele que existia. O plano de imanência é sempre variável, não cessa de ser remanejado, composto, recomposto pelos corpos. Por estes movimentos, o corpo se desliza por entre, se introduz no meio, impõe ritmos que afectam outro corpo ou um pensamento. Supõe-se, então, que nunca se começa ou recomeça tudo e, o corpo não é definido por sua forma ou seus órgãos ou como sujeito, mas pelos afectos de que ele é capaz, e, não se sabe, antecipadamente, os afectos de que é capaz. É uma longa história de experimentação, uma sabedoria que implica se instalar num plano, um modo de vida, uma maneira de pensar.

A noção de estratégia clínica, nesta perspectiva, implicaria uma reformulação em relação ao a-saber. Corresponderia a uma postura ético-estética, que implicaria saber como funciona, o que se produz e o que se articula nas relações entre os corpos. Implicaria uma clínica, não tanto do que deve ser curado, mas das possibilidades de vir-a-ser que podem ser agenciadas. Seria uma postura que coloca a clínica no plano da criação e no campo da arte. Implicaria fazer um lugar para o imprevisível, o que se faz e se experimenta, para além de nosso conhecimento prévio.

Mariane refere-se ao espaço clínico como “nosso laboratório”. Será que estará intuindo que para fazer transformações precisará experimentar, descobrir coisas novas e, não apenas repetir a representação do eterno vivido? A sensibilidade de Mariane parece ensinar um caminho outro, um caminho singular. Seria a afirmação de que o que deve se passar não é pelo viés da representação, e, só a intuição, como diria Bergson, pode se sobrepor à consciência inteligente, que abriria caminho para o novo. Se ao “laboratório”

que Mariane denomina nossas sessões, eu reenviasse toda a ação, todo o pensamento, toda a paixão ao semelhante, ao idêntico, não estaria Mariane tornando-se mais igual a ela mesma, ao invés de outra Mariane? Concordaria com Berenstein, (2004) que reenviar toda a interpretação à transferência, faz o paciente mais ele mesmo, sem transformações. Para ele a verdadeira tarefa analítica começaria no entre, ali onde ainda não é, e, algo vai se tornar.

Esse outro caminho a seguir, não seria uma nova técnica, mas uma maneira de pensar, um ponto de vista sobre a constituição dos sujeitos e sobre a intervenção clínica. Seria o lugar de uma prática de experimentação que inventa o dispositivo, onde se privilegia o relacional, um a um, corpo a corpo. A eficiência da prática clínica passaria por uma forma de se instalar como um plano de imanência, um inconsciente como campo de afeto e campo de forças, onde se dão os deslocamentos intensivos, que se articulam nos agenciamentos, onde se produz o desejo. Um fundo indeterminado como plano da clínica, um plano virtual que engendra a diferença. Funcionaria como parte incorporal de um dispositivo, onde os estados dos corpos e os corpos se penetram, se misturam, se transferem afetos, enunciados. A matéria-força que ressoa como incorporal e intensidade aparece como turbulência, desvios, fugas incessantes e misturas, que atuam quase como causa do novo. Não é possível prever e controlar os encontros e seus efeitos; tratar-se-ia, portanto, de estabelecer lutas particulares do desejo, na direção da expansão, introduzindo na vida novos campos de forças. A questão do desejo seria pensada fora de toda a referência ao sujeito ou ao objeto, mas, no campo dos encontros dos corpos.

O acontecimento é como um espaço-tempo-pontual que questiona a estrutura e o único com possibilidade de fazer efeito sobre ela. Remete para o tempo de agora como um campo virtual, da permanente surpresa, do inesperado, um campo não estável que se

transforma, onde a teoria não carrega uma intenção generalizante, reduzindo as singularidades do acontecimento. Trabalha-se então, com um tempo presente, onde os corpos se agenciam, através de seus impessoais e incorporais. O passado, esse tempo que dura, sob um originário selvagem, deixa de ser entrave ao novo e se torna motor de toda a criação. A perspectiva da evolução bergsoniana (1964) não pressupõe determinações, pois é uma evolução de futuro indeterminado. Diz o autor, que onde quer que haja vida, haverá um aberto, um registro onde o tempo que dura, atuante e irreversível, se inscreve como prolongamento do passado no presente. Nesta perspectiva, o corpo se torna corpo em suas relações com o que é puro movimento em sua ação ininterrupta, um passar contínuo que é transformação e criação da matéria. Logo, o tempo se materializa, produzindo efeitos no corpo. Está, portanto, além de um presente transferencial, seria algo atual que se repete na relação do que está sendo atualizado. Tratar-se-ia de inventar e construir uma outra origem, a partir da concretude da trama, que encontra encadeamentos que permitem explicitar o sentido sempre provisório, pela aproximação da trama concreta dos acontecimentos. O primado da relação institui uma nova origem, a partir de onde novas inscrições se fazem.

O corpo ganha uma outra dimensão. Há uma nova linguagem para dizer o indizível do corpo e de sua origem, ele é uma espécie de escrita viva, sem referências prévias, que sempre se reescreve, cria e transforma. Aprendemos com Espinosa (1979) como também com Nietzsche (2002 apud Deleuze) que é no plano corporal que reside toda a revolução do corpo. Ele é a matéria de onde se exprime a linguagem dos afectos, uma espécie de afecção do nascimento à morte, e, sua força se expressa pelas variadas maneiras pelas quais ele afecta e pode ser afectado, sendo nocivo o que lhe diminui esta aptidão. Desta forma, o homem só pode conhecer a si mesmo pelas afecções de seu corpo e suas idéias, que são por sua vez, as imagens das coisas em seu corpo. Corpo que

reencontra a continuidade corporal da vida e do pensamento e, retoma o contato com as intensidades marcadas pelo signo sem origem: signo alojado na diferença, que engendra outros signos e faz o sentido. Sua atividade é, portanto, sempre uma produção sem trégua, criação de vida.

O que se tem não é um corpo passivo, mas ativo, cria suas próprias razões. Deleuze o define como uma força em relação de tensão com outras forças, quer para obedecer, quer para comandar. O corpo sendo grau de potência se define por um modo de pôr em relação que equivale a um poder de afectar e de ser afectado. Perguntar o que pode o corpo, é perguntar como ele se compõe como corpo afectivo. O corpo sendo, primeiramente, encontro com outros corpos, confronta-se com forças que agem sobre ele, não cessando de ser submetido à erupção contínua de encontros. Em Deleuze (1988), a diferença, o desigual, o desequilíbrio da própria diferença, que o corpo mal suporta, cria seu próprio equilíbrio a partir deste Desigual. Sofrer é a condição primeira do corpo, porque o corpo sofre de ser afectado, sofre de sua exposição à novidade do Fora.

David Lapoujade (2002) afirmará que se fica doente porque não se acede aos próprios sofrimentos. O paradoxo é tornar a vida doente para separá-la do sofrimento, e todo o problema consiste em encontrar uma saúde no sofrimento: ser sensível ao sofrimento do corpo sem adoecer. Tornar-se insensível ao corpo, aos seus sofrimentos, retira a potência do corpo e o transfere a alma, como se a vida pudesse ser abstrata, representacional e não real, construída. O que pode o corpo, refere-se a sua possibilidade de potencializar-se nas conjunções com outros corpos. O sofrimento do corpo afectado por este Fora, deve tornar-se um meio para a saúde. Então, o que pode o corpo só é possível a partir desse sofrimento, que é a própria condição do corpo.

Há um não-saber do corpo, cujo acesso significa ultrapassar seus contornos visíveis, que constituem apenas sua parte tangível, aparente. Todo visível se desdobra num invisível preche de virtualidades. A potência do corpo estaria em dar acesso à linguagem constitutiva do corpo, que potencia o acesso ao impessoal, abrindo o olhar ao sensível e as intensidades.

Se está frente a outro modo de conhecer o corpo, como corpo intensivo, o corpo tal qual falará Katz (1996), o “indomesticado selvagem”. Seria o “infantil-pequeno do humano”, o devir-criança que insiste no adulto, que se apresenta em qualquer encontro com seus afetos errantes, cuja especificidade se marca pelos encontros através das intensidades, que se fazem constantemente insistindo. Seria a criança que permanece não delimitada por algum pacto social, nem algo que desapareça pelo fato de se encontrar adulto.

Devir que se capacita sempre por expressões longe do equilíbrio. Constituir-se-ia da multiplicidade em processo, diferença enquanto experimenta a vida. Caminho que vai se fazendo enquanto o imaginário devém. Não há mapas suficientes para perfazer sua cartografia, pois novos encontros exigem outras cartografias. Katz (Op. cit.) entenderá este modo de expressão como desejo-força, onde o psiquismo-ação está sempre longe do equilíbrio e tem possibilidades de seguir trajetos sempre diferenciados. Portanto, as pulsões têm modos específicos de investir e encontrar, de se fazerem real-imaginariamente, produzindo e criando.

Nesta concepção desenvolvida por Katz (Op. cit.), o simbólico se apresenta como uma organização inteiramente provisória sem especificidades próprias. Também não há um imaginário sem real ou real sem imaginário. Esse corpo conforme as forças que desdobra, jamais se limita ao corpo fisiológico, pois o imaginário é incorporal-corporal. Os encontros afectivos produzem imagens, qualidades e caminhos

diferenciados que se encontram com o real, e o corpo é produto deste encontro real imaginário. Portanto, o inconsciente é um fazer permanente, encontro real-imaginário, que está sempre indefinindo seus objetos, por mais estruturas que os abrigam.

Nestas bases, o olhar sobre a intervenção clínica, deveria ampliar-se a uma “outra escuta” que se sustentaria nessa linguagem do corpo, num inconsciente que não conhece palavras, pois é corporal e invisível, e, captura o que lhe é possível. Escutar o discurso, no contexto clínico, significaria pois, buscar acesso ao corpo e sua razão inconsciente, presente, mas invisível, indizível. Significaria escutar as entre-falas e adentrar no indizível, pela via do que é dito, escutando este rumor pré-verbal que subjaz a linguagem e indica justamente, o corpo; o que o movimenta é o devir da vida.

Logo, a intervenção clínica para ser efetiva, teria que ser evocativa do corpo, da experiência em questão, da sua dimensão invisível-indizível para criar-lhe algum tipo de visibilidade-dizibilidade possível. Toda a intervenção seria sempre, pois, uma aproximação, uma abertura, a tentativa de criação de uma via de acesso ao inconsciente do corpo.

Desde esta perspectiva, minha expectativa, é ampliar conceitualmente a prática clínica, não para formular um modelo clínico, mas para promover uma forma de pensar sobre a intervenção clínica. Este trabalho não percorre, portanto, o campo empírico da clínica. Diz de um ponto de vista, que corresponderia a substituição da noção de origem e de retorno à origem, que seria a valorização da representação, para dar relevância à expressão do corpo, como apreensão das forças existentes. Evidenciaria, portanto, a escavação de uma experiência clínica que corresponderia ao que se sustenta na linguagem corporal como constitutiva, que contrapõe o corpo como afecção ao corpo dos afetos e dos sentimentos, trazendo à tona a comunicação, que estaria associada ao originário, ao impessoal, onde o corpo é mudo, onde ele ainda não é; operando,

portanto, uma fundação primeira. Importaria, então, o que está sendo formulado ali em dado momento, tal como uma memória bergsoniana, que se conserva e vive enquanto o espaço durar ou for reconstruído. Seria a produção de um terceiro, a partir do originário primitivo, como um impessoal, do qual ninguém fala, mas que produz transformações e devires nas combinações com o Fora.

Deste modo, está-se frente a outro modo de conhecer e escutar o corpo, que recoloca uma outra dimensão para pensar a intervenção analítica. A clínica deixaria de levar ao primeiro plano, a representação e o saber como a grande razão, deslizando para o a-significante, como um plano virtual, de esquecimento e espera, pronto para a apreensão do que está em vias de acontecer.

Nesta concepção, a noção de corpo ganha um novo sentido. É o grande personagem conceitual (Deleuze e Guattari, 1997), com função de ferramenta, que opera como heterônimo e auxilia a revisar o plano da clínica, forçando a pensar outro modo de trabalhar e subjetivar.

O corpo como personagem conceitual, torna-se o outro de nós mesmos e da clínica. Aquele que não conhecemos, aquele que vai descrever as coisas enquanto estão se fazendo e, operacionaliza o sentido daquilo que acontece, onde não se faz dizendo, mas sim pelo movimento, pensando-o na diferença, como o oculto de nós mesmos, do outro e da clínica que força a pensar.

Recoloca-se o corpo no plano da impessoalidade do ser, onde ele não é essência, estado de coisas e não tem referências prévias. Tratar-se-ia de esquecer a história do eu e esquecer-se de si para escutar e dar passagem ao impensável, ao pré-individual e ao impessoal que “está já aí” e, se potencializaria no encontro dos afectos, contornando o vazio.



Toda produção de sentido implicaria dar passagem a este corpo intensivo, não organizado, que vive e insiste, que mostra-se em sua própria criação, sobrevoa o vivido e percorre todos os seus componentes, criando o sentido. Nesta perspectiva, o corpo desenvolveria sua potência a partir do caos, das misturas e combinações, tornando-se corpo-pensamento, criando e transformando-se incessantemente.

Transformar a linguagem clínica em um modo de inventar um personagem conceitual, consistiria em expor linhas diagonais que servissem para indicar as zonas de indistinção, a partir das quais surgem desvios que descobrem que, por debaixo das histórias, existem outras potências, que são atualizadas por encontros. Significaria libertar a imaginação da clínica de toda a representação de algo dado anterior e original. Consistiria em sobre a superfície do horizonte, encontrar um fundo que contenha as incógnitas da realidade, para iluminar os elementos em vias de determinação, apreendendo os enigmas relativos ao pensamento do corpo, suas conexões e afecções, estabelecendo diretrizes ao conceito do novo, em relação ao qual não existem palavras ou histórias pré-existentes. Avançar na escuridão para inventar a cada vez a sua orientação, a sua desorientada experimentação, traçando caminhos necessariamente paradoxais, mesmo que impressionem por sua obscuridade. Não se trataria, portanto, de uma linguagem com uma narrativa histórica dividida em épocas, nem confronto com uma história universal. Demonstraria aquilo que é novo, liberto de toda a idéia de épocas, privilegiando um material inexpressivo, anterior à boa forma e, portanto, à matéria e ao conteúdo; o qual ganha forma por meio de devires de imagens e signos, de modo que um eu não vem antes de um acontecimento-devir.

Não pretendo chegar ao nível dos teóricos, nem tampouco, fechar a questão, mas ao contrário, abrí-la ao caos como possibilidade para deixar emergir a produção do novo, do inusitado, do que se cria, para fazer pensar o fazer clínico. O corpo, como

personagem conceitual, está sempre e já no horizonte, e, opera sobre um fundo em movimento, onde encontra diferenças vindas das superfícies, pelas quais passa num só instante, encontrando afecção e não informação. Evidentemente, não se constitui em proposições lógicas, que estão prontas para serem pensadas e confrontadas ao objeto, nem dizem um corpo individualizado. O corpo em sua condição de impessoal, daquilo que é mudo, tem uma parte secreta e obscura que não pára de se subtrair ou de se acrescentar, de acordo com as combinações que faz e, sua atualização não começa, nem acaba, mas ganha ou guarda o movimento infinito ao qual dá consistência.

Deste modo, as proposições se ampliam com tudo aquilo que não dizem, mostrando-se e se escondendo, com um conteúdo virtual que multiplica seu sentido, formando um “discurso oculto” (Deleuze e Guattari, 1997), que contém brancos e lacunas. Essas multiplicidades não são uma estrutura ou sistema, e, não têm nenhuma construção lingüística regular; constituem um sentido que não inscreve a mesma coisa e não tem o mesmo conteúdo, destacando-se como um não-dito, que não pode ater-se apenas à inscrição do que é dito. O sentido oculto que faz estranhar, impõe um outro olhar que não se contenta em apreender fenômenos, que não seja uma dimensão horizontal e vertical, onde cada proposição parece responder a um fenômeno. É preciso ultrapassar limiares, tomar uma transversal, uma diagonal móvel (Deleuze, 1997), uma espécie de distribuição de pontos, que cruzam e tecem outras linhas para procurar o que não tem conhecimento prévio.

Essa ampliação conceitual sustenta, portanto, uma linguagem do corpo, com seus impessoais e incorporais, que fazem irromper o novo, o acontecimento, com capacidade de tornar o corpo outro, de fazer-se incessantemente. Esse campo conceitual da clínica, corresponde a fazer cortes como diagonais móveis, que permitem confrontar e tecer correspondências, como uma rede que cruza alguns de seus pontos, para tornar

legível o que não poderia ser apreendido de outro lugar, sem produzir as mesmas singularidades. A diagonal impõe um outro caminho, que toma os meios não-discursivos, que não são em si mesmos, internos nem externos aos enunciados e às relações discursivas; mas, constituem o limite, o horizonte sem o qual, o que é invisível não poderia aparecer. Se parecem como sonhos onde tudo muda como num caleidoscópio, segundo os conceitos considerados e a diagonal que se trace.

## II – O ADVIR DO IMPENSADO NA CLINICA

Estou consciente de que tudo o que sei não posso dizer, só sei pintando ou pronunciando sílabas cegas de sentido. E se tenho aqui que usar-te palavras, elas têm que fazer um sentido quase só corpóreo, estou em luta com a vibração última.

Clarice Lispector

Impossível falar do impensado, a menos que seja através de sua indizibilidade. Indizível porque não se concatena, não produz uma certa unidade que levaria à legibilidade e ao sentido. A forma pessoal não é o lugar da imagem da primeiridade inaugural. Haveria a impossibilidade de apreensão do eu como algo que existiria aquém da linguagem, assim como, a impossibilidade do grande sentido. Impessoal é deslocar-se de uma inteiridade de ilusão narcísica, é desistir de ser o centro. A aparência do que resta seria atributo daquilo cuja substância escapa, não se deixando apreender.

A relação entre o pessoal e o impessoal é de total arbítrio: pelo menos, este é o efeito de uma tessitura de um corpo, que é produzido em um outro lugar ao qual se esperaria. O eu fala pensando ser o centro. Antes, se diria o fim do sujeito clássico e cartesiano da “mestria” de si e do mundo, para dizer os abismos vertiginosos do corpo e de novos valores. Não há nenhum comando do sujeito em relação às palavras que fala, às conquistas que persegue, aos fracassos que almejava não suportar. Os fatos têm a concretude do real vivido. O corpo é a grande razão. Tudo que se pode dizer de um corpo vivo, é a partir do seu próprio viver. A criação de sentidos é possibilitada pelo corpo em sua relação com outros corpos, pensamentos, idéias, e, é pensada no contato

com a diferença e a intensidade. Deleuze (1985) dirá que o corpo não é aquilo que tem que ser superado para chegar ao pensamento, ao contrário, é aquilo no qual o pensamento mergulha, a fim de chegar ao impensado, logo, à vida. Os pensamentos permanecem sempre vinculados às suas raízes escondidas, é um jogo impessoal de forças, não existe nenhum sujeito, nenhuma consciência na origem do pensamento.

O entre é o lugar da primeiridade inaugural, onde o corpo se inscreve. Nunca se diz tudo sobre esse não-tudo que é o corpo, sempre mais aberto a novas construções, sem resolver-se o impasse que ele cria, sem se decidirem, com certeza, as mentiras e as verdades, as fantasias e a realidade que o habitam. A clínica não deve tentar fechar o sentido do texto; não há um significante que substitua outro. Paralizante e mortífera, a violência de uma interpretação que quer dizer-se única e verdadeira. Encontrar a verdade do eu é tarefa impensada e fadada ao fracasso, o que aí se coloca é de diversa tessitura do corpo, que se representa na condição de sujeito cindido. Desloca-se a questão do sujeito, não mais dono de sua fala, não mais centro de uma consciência criadora onipotente. Cabe muito mais ao eu, reescrever o texto a cada vez, marcá-lo com seu olhar, reorganizá-lo e participar de sua autoria, antes que procurar uma pretensa verdade nas profundezas, como fazia a hermenêutica. Ao invés, a escrita do corpo tem uma maneira especial de “representar-se”, usando o signo em si, como coisa que se quer apresentar.

Em *Conversações*, Deleuze (1996) dirá para não buscarmos as origens escondidas e rasuradas. Que tomássemos as coisas pelo meio, onde elas crescem, que é onde se formaria o novo. O meio é o lugar de todos os excessos, de tudo que não se deixa capturar e domesticar pela representação, justamente a impossibilidade de definir. Sempre escapa a todas as interpretações e seria na própria proliferação dos movimentos que prolifera o sentido nunca definitivo. Da combinação nasce o lugar das miragens,

onde o impensado se torna o possível. O impossível da verdade que vai preencher os vazios.

A idéia de acontecimento surge como elemento de ruptura de uma certa racionalidade posta em questão, de um contínuo histórico e simbólico, designando uma heterogeneidade, uma alteridade nova, que interrompe uma sucessão de fatos. Peter Pál Pelbart (2000) dirá que o acontecimento é uma série de efeitos, o duplo incorporal que se desprende dos corpos e constitui um extra-ser insistente. O acontecimento-sentido-efeito plana na superfície das coisas, separa e articula coisas e palavras e tem duas faces: numa é atributo de estados de coisas, no outro, é expressão das proposições. Fina película entre a profundidade e o efeito de superfície, onde o sentido é produzido. Sentido que não deve ser buscado na profundidade das coisas, nem na origem, nem na essência, mas como puro efeito de superfície, num jogo de singularidades pré-pessoais e pré-individuais.

O pré-individual, o informe é o terreno das multiplicidades, ou seja, singularidades que se atualizam em coisas e estratos de coisas. Os elementos da multiplicidade, como o impessoal, o incorpóreo, estabelecem relações de diferença pela heterogeneidade; estas relações são do tipo agenciamento, elas se fazem por contingências, implicando uma montagem indefinida de composições, que configurarão um ser. Tudo se constrói por deslocamentos e combinações e, aí se criam novos e inéditos sentidos.

Numa forma de pensamento movido pela multiplicidade, não se trataria de imprecisão no pensar, mas de ecos, ressonâncias, que vem do entre, que deixa de ser o centro e aborda a clínica pelas fronteiras, nas zonas de indeterminação. Toda determinação cria ao mesmo tempo zonas de indeterminação, no que se refere às

individuações como pessoas e, a partir destas zonas de composições originais poderá surgir, justamente aquilo que permite aos encontros serem descritos na clínica.

Uma análise, assim, introduz a questão das zonas de indeterminação em primeiro lugar, onde os movimentos se dão, dos corpos aos estados de coisas dos acontecimentos, do pessoal ao impessoal, do visível ao invisível, do indivíduo ao pré-individual, do sentido ao non sense. Assim, a clínica não seria declarar, mas iluminar, desenterrar, deixar à espera, esquecer, para potencializar as forças que ficam entre esses movimentos. Não se trataria, portanto, da negação, do luto e da ausência, da falta, mas do excesso, do transbordamento, da vida que pulsa por todos os lados ainda sem forma. Seria, portanto, da ordem do que acontece, das atmosferas, e seriam os trajetos, os devires, os traços singulares e, não os pessoais, que a clínica deveria compor. Assim, considerar os trajetos singulares do personagem, mas também, as singularidades do meio que se reflete naquele que o percorre.

Há, portanto, a lógica da relação, não o sujeito. Do entre, o sujeito emergirá na sua singularidade, do pré-individual. No meio é não ser ninguém. E o que há no meio é apenas o vazio, o não-ser, onde se agita o impensável. É a relação que engendra o sujeito, que nela vê os efeitos do sentido e nela se vê. Há um deslizamento do sentido, que leva em conta as ressonâncias materiais do corpo. Escutam-se vozes múltiplas porque os textos falam uns dos outros, há ecos, ressonâncias. Diálogos entre si fazem corpos e são causa de sua produção. Circula um saber que não se captura de todo, nunca. Os sujeitos não são formas determinadas da mesma maneira, nem totalmente determinadas, mantêm relações tanto com determinações múltiplas, quanto com a indeterminação das agitações de forças que fragmentam as formas e geram perspectivas diferentes e heterogêneas.

Parece ser assim, que Ítalo Calvino (2001, p. 138) declarará:

“(..) quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis”.

Ao invés de tomar a origem, tomar o impessoal que vem antes da origem. Um originário-acontecimento que escapa à representação, um signo, um impessoal em permanente construção que se desdobra e produz múltiplos. Assim, é que o signo tremula nas regiões obscuras e é onde habita quase o tempo todo, e por isso, exprime um mundo possível, porém estranho ao corpo. No encontro, depara-se com o signo que se opõe à idéia de método, porque há sempre um choque, um impossível no signo que rouba a paz. Trata-se de apreender a circulação do signo com o que liga, que é justamente o indefinido.

Em Deleuze (1987), os signos são objetos de um aprendizado corporal, não de um saber abstrato. Aprender é considerar um objeto, um ser, uma matéria emitindo signos a serem decifrados e interpretados. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos. O enigma é o modo de apreensão dos signos. É no processo que as forças entre os corpos entram em luta, renovando a perplexidade em múltiplas perguntas, acompanhando os sustos e a violência dos signos com os quais vai se atritando enquanto o encontro é vivido. Lispector (Op. cit., p. 100) retratará a estranheza do signo: “... quando estranho uma pintura é aí que é pintura. E quando estranho a palavra aí é que ela alcança o sentido. E quando estranho a vida aí é que começa a vida”.



A travessia do sujeito exige a investigação da incidência de signos que se tramam no entre dos encontros e que estão sempre à espreita, que fazem ora sucumbir, ora vencer a linha de resistência que não reitera o corpo, mas que o multiplica, dobrando-o de muitas maneiras. O corpo precisa do outro que o circunscreva e o delimite numa variabilidade de movimentos, sem o que sucumbiria às vertigens e às desterritorializações. O outro é vital porque é um campo do limite, da prudência, da loucura ou da lei, sem o que ele se destruiria, perdendo-se em mecanismos auto-destrutivos. O processo de individuação vai se concretizando em torno desses movimentos de transformação, desterritorializações e reterritorializações. Forçado a pensar, atraído pelo signo que parece tudo conectar, sendo e não sendo o centro, o sentido sempre provisório e instável. Em cada momento, a experiência encontra certo número de escolhas possíveis no encontro; a esta variação não de um sujeito que se define previamente, mas de uma variação que aparece no sujeito, Deleuze (1987) chama de ponto de vista. É a condição sob a qual apreende a variação e é sujeito aquele que se instala no ponto de vista.

Instalar-se no ponto de vista, pressupõe fazer interpretações a partir da própria perspectiva. Nietzsche (1978) dirá que são nossas necessidades que interpretam o mundo: nossos instintos, o seu pró e o seu contra, que revelam uma certa necessidade de dominação. Seria a conjuntura singular de forças daquele momento determinado que encontra uma forma expressiva. Compreenderia sempre um conjunto de forças móveis, originariamente indizíveis e invisíveis e que mesmo quando criam palavras ou signos visíveis pelos quais possam se expressar, é sempre de uma perspectiva do conjunto, que consegue expressão.

O que se tem, então, é um corpo narrador de sua própria luta entre o sólido e o nômade, entre a territorialização e a desterritorialização, experimentando processos de

individuação conforme o ritmo e o fluxo das andanças e paradas, que significa dizer da ordem do desejo, que conduz o corpo para fora e para dentro. O corpo simultaneamente conhecido e estranho, aquele mundo indizível, provisório que vive permanentemente despedaçado pelo aparecimento do acontecimento que se impõe por todos os lados.

Se se perderam ou se desvaneceram os alicerces de uma origem fundadora, se se desconstruiu a história e o corpo se constitui como contornando o vazio, às bordas do real que não se diz, sempre apontando ou encobrindo o não-todo de uma verdade que está sempre se construindo, então o lugar privilegiado do sentido é na fissura, no vazio, onde há o irrepresentável, o não-saber de uma linguagem constitutiva do corpo. Assim, é que o corpo em seu diálogo encerra a sua paixão, sempre beirando o limite do impensado e os limites da linguagem, no seu trajeto de dizer o possível. Mas não alcança de todo a língua do coração selvagem, nem pode dizer tanto, como se sente e, ainda isto que pode dizer, não diz todo, senão em parte e entrecortadamente.

O vazio recai num ponto invisível que obriga um fazer incessante em torno do lugar vazio, do insignificável, onde a escrita de um corpo se faz sempre pelo contorno de um vazio que apenas se adiantaria a criação e não se deixaria nunca preencher. No vazio instala-se um diálogo entre o representável e o irrepresentável, que produz um estranho efeito de inquietude, exatamente pela dificuldade de se estabelecerem as fronteiras entre ambos. Deixando-se penetrar pelo signo, o corpo encerra uma busca que desliza num apelo desesperado de uma paixão que não se deixa apaziguar, já que é feita de encontros e desencontros, de descaminhos, de buscas alimentadas por breves encontros que deixam resíduo e, enfim corporificam, obrigando a um desejar.

O excesso está sempre obrigado a assimilar, como se a pausa mimetizasse a morte. Enquanto há morte há vida, já que a morte provoca o canto. Do lado do impessoal está a vida, enquanto do lado do eu está a morte. Falar do eu é fazê-lo apagar-

se, calar-se, virar signo, escavando a brancura muda da página. Tornar-se mais deserto de eu e, assim, mais povoado de singularidades. Será que esse canto ausência/presença é como um grito que faz existir o silêncio, tornando-o signo? E assim, se o impessoal, o signo, tem uma função criadora, como pode ele anunciar o impensado, à morte? Ou ser condição de vida, essa que se constrói margeando a morte? Talvez a resposta seja a possibilidade de “fazer falar o que não tem palavra”. Buraco que nunca é recoberto. História que nunca se escreve toda, mas que insiste sempre nos excessos.

Uma clínica que trabalha na zona de indeterminação, privilegia, portanto, o impessoal, não os indivíduos, mas aquilo que se passa entre eles, no que passa entre os corpos, aquilo que sempre faz devir os seus corpos, aquilo que está em pauta entre as coisas e as pessoas. Seria uma clínica dos encontros que comportam corpos que são potências afectivas com poder de afectar e ser afectado. A verdade é o efeito dos encontros e, o conhecimento e o sentido se constroem nas relações concretas que se estabelecem entre o corpo e o meio. Neste sentido, a invenção de si é causa e efeito do encontro intensivo entre os corpos.

Esta concepção produz um deslocamento em direção ao infinito e ao ilimitado e, faz transbordar os contornos desejados para as coisas. Interrogar o pensamento instituído, abre para uma outra lógica, do excesso e do deslocamento, da linguagem que fala por lacunas, da lógica do impossível, também ela contida nos limites de uma possibilidade. Fala dos impasses da paixão do corpo, da escuta que não cessa de se dizer; questões que dizem de um real, para o qual o corpo aponta, sem entretanto, resolver. Um indizível e um invisível que apenas são contornados.

Indizível e invisível porque é fluxo, devir sem forma ou representação definida, um campo de forças. Está-se diante de um plano que se colocaria na categoria do pré-representativo, onde figurariam o texto primitivo e o originário.

Naffah Neto (Op. cit.) falará de um inconsciente que chama de primordial, que daria conta da questão colocada. É um inconsciente que designa um universo indizível e invisível com o qual é preciso estar em ressonância. Uma experiência de devir, como um sim, um deixar-se inicial, antes que a linguagem e a consciência abstraíam e fixem os fluxos em representações e as recalquem, formando um sistema secundário.

Merleau-Ponty (1992 apud Naffah Neto, p. 33) diferenciará a fronteira entre dois domínios do inconsciente: “O inconsciente do recalque será (...) uma formação secundária, contemporânea da formação do sistema percepção-consciência e o inconsciente primordial será o deixar-se, o sim inicial, a indivisão do sentir”.

Tem-se, então, um inconsciente primordial que funda a heterogeneidade entre o devir e a consciência; exterioridade entre o ser, que é puro devir, fluência, movimento sem ponto de apoio, e a linguagem, que impõe identidade e conceitos.

Esta perspectiva para Naffah Neto (Op. cit., p. 31-32), matizará o caminho desenvolvido por Nietzsche:

“... o que escapa à linguagem e à consciência e que é inusual, raro, singular, é a experiência do ser enquanto devir, fluxo, intensidade; dimensão que além de indizível é, também, invisível, pois para captá-la é preciso exceder à linguagem e ao olhar habituais, e, ser capaz de ouvir por entre as palavras e devir por entre as coisas, habitando o silêncio do indizível e o fundo escuro de onde pode advir qualquer visibilidade possível”

Assim, como diriam Espinosa (1979) e Nietzsche (2002 apud Deleuze) é no plano corporal que reside toda a revolução do corpo. Há uma nova linguagem para dizer o indizível do corpo e sua origem fundada num inconsciente do corpo. Seria tomar por

modelo um corpo que produz o sentido pela linguagem dos afectos de seu texto primitivo, um inconsciente pré-individual, uma realidade pré-individual que o recobre como um duplo, pura imanência que devora os símbolos e as palavras, dinamita o significante e, traça suas próprias vias em conjunção com as forças do Fora, interpretando seu texto.

Seria, portanto, uma espécie de escrita viva, sem referências prévias, sempre a se reescrever, criar e transformar. O homem só pode conhecer a si mesmo pelas afecções de seu corpo e suas idéias que são por sua vez, as imagens das coisas em seu corpo. Tratar-se-ia de devolver ao homem o inumano, lá onde se cria a vida.

O impessoal, essa matéria não-formada ganha uma potência infinita quando conectado no entre. A vida do indivíduo, portanto, dá lugar a uma vida impessoal e singular. Segundo Schérer (2000), trata-se de um “corpo transcendental impessoal”, também chamado plano de imanência. É o lugar da criação, liberado de sua dependência em relação ao sujeito pessoal, atravessado pelo impessoal. Do eu ocasional, imobilizado em seus vividos psíquicos, salta o plano dos enunciados que dizem o acontecimento, que pratica um desvio, uma distância e segue uma linha de fuga, em que vida e criação, por intermédio do impessoal, se fazem indiscerníveis uma da outra.

Admitindo-se a primazia do impessoal como parte constitutiva do sujeito, então, à perspectiva que procura uma identidade, se faz o caminho inverso e problemático da ausência de sujeito, desligado de focar o pensamento num eu de intenções supostamente conscientes, para um campo rizomático, por onde se dão as lutas entre o corpo e os agenciamentos, que o compelem a desdobrar-se e a desenrolar-se numa travessia singular. Travessia, onde o corpo se inventa, reinventa e não onde se reproduz, pensado num processo de individuação que atravessa, num processo de pluralidades de mundo,

que revela desejos, intensidades, relações de força, valores e violências, sempre com um pé dentro e um pé fora dos códigos.

Assim sendo, a clínica trabalharia com a desconstrução identitária, dando lugar ao sujeito pensado enquanto realidade pré-individual, os impessoais que destroem a forma organizada do eu para torná-lo outro. Os sentidos surgem como invenção a partir das próprias interpretações. Procurar o sentido onde ele é ainda pura sensação sem nome, é tentar permitir que um nome possa emergir na imediatez de um instante, em uma leitura, onde a linguagem toma o corpo através da sintonia, das ressonâncias entre os corpos que se experimentam. Entender a constituição do sujeito como criação e o campo terapêutico como lugar que não se limita à aparição de um sujeito falante, pois entende-se que esta emergência não se reduz à fala, implica em construir uma certa lógica, que nos permita pensar a apreensão de uma certa realidade concreta, a partir da intensidade dos processos, em oposição à idéia de estrutura ligada à idéia de lógica simbólica ou lingüística.

O que faz mudar, portanto, não é uma forma reconhecível de repetição, mas o encontro com uma força e uma diferença que afectam os corpos. São essas configurações que instituem formas de diversidades de existência que tem a condição de criação, de devires e criam novos sujeitos. A diferença de intensidade entre as forças produz um fenômeno, que é expulso para o espaço e força a pensar. Este pensamento diferencial e intensivo constitui-se numa forma de pensar o aberto, as condições do acontecimento, ou seja, os momentos em que se interrompem as regularidades. Portanto, a construção de uma nova lógica de produção de vida e de sentidos para a existência, é indissociável de uma vontade de conviver com as diferenças que favorecem as possibilidades que promovem e ampliam a vida. A vida não se conforma a

qualquer modelo pré-estabelecido, sendo constante movimento e arranjo de forças, do qual participa o sujeito no processo de sua própria auto-criação.

Nesta perspectiva, o novo surge quando uma inesperada ruptura acontece e incita a um começo. Em Pelbart (2004), o novo é aquilo que no presente está deixando de ser. Essa ruína faz uma linha de fuga, que implica inventar uma outra cena, decorrente de uma outra relação entre o corpo e a linguagem, entre o humano e o inumano, entre o perceptível e o invisível. O invisível, esse espaço do desconhecido, do imprevisível e do inimaginável é parte integrante e constitutiva da realidade, como campo do virtual que faz possível os devires. Remete, portanto, a um possível, a um tempo potência, a uma reversibilidade sempre aberta.

Sendo um novo, uma invenção, uma criação inusitada, isso que se experimenta é um desvio, que faz uma fuga temporal que escapa à história e não se explica pelo que antecede. Em sua lógica impessoal e incorpórea, faz uma ruptura no tempo, faz brotar o não previsível, o não historizável, e inventa uma outra cena, quebrando a continuidade linear do tempo e desfazendo a solidariedade entre tempo e história. A história só designa o conjunto de condições das quais o devir desvia-se a fim de criar algo novo. Logo, a história não diz o que somos, mas aquilo em que estamos em vias de diferir, ou seja, de desprender-se de si, não para descobrir o que se é, mas para experimentar o que se pode ser.

Como demonstrará Michel Foucault (1984), é preciso isolar no interior da história, um acontecimento com valor de signo, a existência de uma causa constante que agiu outrora e age agora. Uma causa que garante uma tendência que continuará agindo. Não é propriamente, o drama que causa o acontecimento, mas os acontecimentos menos perceptíveis, a relação que se tem com eles, o que se passa na cabeça.

O devir, portanto, requer e produz um tempo específico. De um lado, o tempo que só conhece velocidades e afectos; de outro, o tempo que só conhece formas, substâncias e sujeitos, Nestes dois planos, o impessoal que é definido pelo que não é, e que exige uma experimentação para criar forma e não uma história que o antecede. O devir, assim, é concebido como uma linha que passa entre os pontos e cresce pelo meio, não é história-memória; é antes uma anti-memória que foge aos pontos de origem, tem suas próprias flutuações e linhas de fugas. Devir não é progredir, nem uma evolução, antes como aliança, contágio, povoamento.

Em Nietzsche, encontra-se a utilidade da história para entrar no tempo. Para ele, a história útil é aquela que surge de uma relação de imanência com a vida, que gera a vida e não apenas aquela que conserva a vida. O esquecimento do passado ressentido provém das forças de vida quando surgem momentos de criação. Só ocorre mudança quando se busca o passado para encontrar respostas para o presente, quando se pode criticá-lo e criar outros valores no sentido da criação do novo. Deve-se fazer história, mas esta deve estar ligada ao plano de imanência, como um plano de intensidades e forças que não podem ser acalmadas ou freadas, e que potencializam a criação.

Neste sentido, há uma ruptura enquanto narrativa do contínuo, ruptura do conceito de memória enquanto linearidade ininterrupta, ruptura do contínuo do tempo, que aí se desconstrói, e da verdade que se revela na sua materialidade que remete aos ritmos pulsionais do corpo, aos seus manuscritos. No mais fundo dos tempos, lá onde encontramos o vazio, na abertura onde se faz uma linha de fuga, saltam os impessoais que não têm história.

Logo, fazer a história de um corpo, é encontrar a exterioridade do acidente, produzido pelos impessoais e incorporais que se dispersam, entram em combate, fazem desvios e dão nascimento ao que existe. É buscar uma história, no que passa por não ter



história, como os instintos, as intensidades, as forças que estão sempre dispostas a potencializar devires. Não remonta, portanto, ao tempo como uma continuidade, que mostra que “o passado ainda está ali bem vivo” no presente, animando-o em segredo, impondo obstáculos no caminho a partir da origem traçada desde o início. Ao contrário, seu objeto é o corpo fragmentado, disperso e em constantes não-eu e devires, através de suas histórias vividas.

Recoloca-se a questão da origem, não mais nos primórdios e, sim, no entre, numa zona de indistinção. Na perspectiva bergsoniana (1964), o passado agiria como uma tendência vital, algo que dura: o passado se prolongaria inteiro no presente, é a matéria múltipla ativa, que vai transformando o corpo em sua duração. Esse originário que seria o acontecimento primeiro que fez nascer o corpo, continuará agindo como uma tendência virtual que causará outras origens-acontecimentos; o corpo é, então, feito de múltiplos acontecimentos se acotovelando uns aos outros, transformando, permanentemente, o corpo em outro. Sob esta ótica, a essência, não está no originário, este teria uma presença prévia, seria sempre ativo como um campo virtual que insiste, sem, contudo, determinar o presente, no sentido estrito, já que o que atualiza é o encontro e, por isso, torna-se imprevisível em seus efeitos. Isidoro Berenstein (2004) demonstrará que cada encontro significativo recriará uma nova origem, que transformará os sujeitos.

Portanto, as marcas e vestígios do tempo seriam o tempo que dura como elementos virtuais. Contatar o originário como uma tendência para produzir devires e novas configurações, implica conceber este tempo como criação. Isto que vem do passado, que dura e não coincide exatamente com o vivido e, aparece como o que não se tornou corpo. O entre, esse lugar que não é o eu nem o outro, onde as palavras e as coisas se tocam, é o lugar do impessoal, que se desdobra e faz aparecer o sentido. Logo,

o corpo está sempre se fazendo, contornando o vazio que marca um irrepresentável. Afirmar a criação significa acolher o imprevisível, habitar o acaso e viver o acontecimento. Nestes termos, a constituição do sujeito, é pensada como um agenciamento desses potenciais do corpo primordial, que devem ser acolhidos, ao invés de serem deixados na obscuridade.

Está-se frente a um modo de pensar a clínica como um posicionamento crítico, onde os corpos se agenciam produzindo o inédito, onde o tempo dura e ao mesmo tempo nasce; onde a história sai dos trilhos, onde o inconsciente deixa de ser um espaço lógico representativo universal, para ser um inconsciente primordial e ativo que cria mundos. Nada estará completamente pré-determinado, o que estará sendo trabalhado na clínica, transformar-se-á numa potencialidade virtual, numa dimensão impossível, porque esvaziada de elementos representativos, desde que é criado um vazio e a partir dessa unidade virtual engendrar-se-iam elementos que afectam uns aos outros. A tarefa analítica parece ser, não responder sobre o visível da história, seria antes, uma operação que exige a desobstrução de um invisível, dar tempo para que a forma e o tempo, a partir do informe e do indecيدido, onde coincide esquecimento e espera, crie o novo. Virtual à espera de uma estruturação significativa que dê forma.

A proposta, portanto, seria capturar virtualidades se atualizando no agora e se integrando ou escapando, como linhas que se esquivam, que saem de si, tudo como uma forma rizomática. Essa forma de narrativa exige que se pense a narrativa descentralizada, para tornar possível capturar o enlace no entre, como lutas dos corpos. A tensão entre as forças do desejo é tomada em sua batalha pela manutenção de sua permeabilidade e fluidez contra a assimilação dos códigos enredados em dispositivos de poder e saber. Não há um eu no centro, nem um personagem passado. Ele é retirado do foco central e estendido para outros elos possíveis e pré-existentes. O que se vê, são

singularidades e estados intensivos ou um sujeito passando por todos os estados, triunfando uns sobre os outros, como aliados ou inimigos. Este eu apenas como sujeito residual que percorre oscilações. Solo propício onde os rizomas ascendem, descem, recolhem-se, dependendo de onde se detém, com o que podem se conectar, que signos se cruzam, interferem, perturbam e dilaceram o corpo. Tremor rizomático, tremor constitutivo do corpo. Toda pergunta e toda resposta é afirmada, suspensa, provoca dúvidas, tudo é móvel e provisório, efêmero e incerto. A dúvida coloca-se como estruturante, e vai perguntando às coisas, aos signos, à lembrança, atuando em estados de intensidades que desconfiam o tempo todo da linguagem, põem prudência e revelam que não há verdades a procurar, passados a decifrar.

O plano da clínica seria entendido como espaço virtual, onde os movimentos codificam, marcam e configuram o corpo, fazendo transformações e atualizações. O corpo ora criança, ora adulto, ora pai, ora historiador a perguntar pelos signos infinitos que compõem a travessia singular. Um plano de composição rizomática que mobiliza fluxos descentrados e fragmentados, devir desencadeado por perplexidades e estranhezas que consiste essencialmente em decifração de signos, que se instalam e dali deixam-se sentir, desejar, querer, falar. Processo de transformação que experimenta processos de individuação, constituindo-se em potências produzidas pelo desejo.

Logo, o que se tem é uma clínica como um campo virtual que pré-existe aberto a atualizações e a não-preenchimentos. Não chama às claras, mostra-se escondendo-se, acena sobre os planos dos possíveis e cheios de nada, de vazios, de angústias. É uma espécie de armadura do simbólico, um plano imanente, mistura exposta em prazeres e desprazeres a cada singularidade que pode encarnar o virtual, fazendo desdobramentos e articulações. Virtual imerso em violências, desvãos intempestivos, escapando a controles ou a fixidez prévia. Intensa, finita ilimitada, a virtualidade da clínica é

inesgotável, imprevisível e tem muitas idas e vindas. Escapa, foge, estratifica dizeres e práticas, rasga brechas, esgueira-se em linhas de fuga, sempre mais longe, insinuando acenos nem sempre alcançáveis ou apreensíveis. Vem e volta, não adianta dar as costas, beira aqui, vai beirar noutros lugares distantes. O corpo se agita em torno das linhas de fuga, corre riscos, inclina-se aos prazeres e alegrias, dores e horrores. Travessia perigosa, mas é da vida, da criação da vida. O corpo vive múltiplos processos de experimentações e transformações, deve aprender a achar graça no desassossego. Para que esta saída de si, não se arrebente em dissoluções irreversíveis, quem sabe chamar aquela virtude capaz de tornar desejável a paixão medida, mas não um suposto-saber, melhor seria a experimentação. Mas sempre que quiser esclarecer mistérios do mundo, a sabedoria deveria procurar um pensar como decifração de signos, movimento de multiplicidade sensível que vive a diferença radical e perturbadora.

O acontecimento sendo um modo de individuação por intensidades, que não é de uma substância, de uma pessoa, é de uma atmosfera, de um fundo, de uma reserva que não tem lugar no tempo, dirá Pelbart. (2000). Uma relação necessária entre dois pontos, dois tempos, onde se cria uma zona de indiscernibilidade, de vizinhança, de non sense, onde se misturam, se aliam e combatem as matérias não-formadas. É de uma reserva secreta e muda, sempre excessiva que duplica cada fato na conexão. Efetuado o acontecimento, é contudo, sempre uma atualização parcial. A reserva é sempre uma suspensão provisória e incessante, que por um lado, é incerta e arriscada para o eu, mas, por outro, é o lugar da singularidade que está em jogo no cerne de cada indivíduo. Dessa forma, é um início sempre absoluto, sempre subsistente, onde não cabe ao tempo, querer deter o devir para garantir coerência ou identidade aos seres.

O mundo é infinito e, assim, encerra infinitas multiplicidades. Vivemos num universo de signos, muito mais criação de novos sentidos do que imitação do real.

Desde esta perspectiva, a clínica seria como metáfora do universo, onde circula um saber que não se captura de todo nunca, onde as figuras se desentendem, os textos proliferam, os sujeitos se representam e a verdade sempre escapa. Se há representação se quer também apresentação; debruçada em seus jogos de sentido, sabendo que no próprio trajeto de seus ruídos se faz ler, se soletra e aí se apaga o sujeito. Levando ao limite a potência do corpo, o texto desiste da mimese, desiste de copiar o real, que insiste além do signo.

Toda esta dimensão encerra uma potência interrogativa, porque uma diferença indomável, rebelde e independente da vontade do pensador vai à cata de uma verdade em algum lugar, verdade sempre transmutável. É o exercício de uma outra imagem de pensamento, que Deleuze chama pensamento sem imagem. Segue uma outra lógica, a lógica dos afectos, das intensidades. Suas condições devem cada vez ser criadas sobre a superfície, num processo que devolve a problemática ao horizonte imanente dos seres, das coisas e dos seus acidentes. O acontecimento se torna necessário e constitutivo do pensamento sobre o tempo, o sentido e as coisas. É um não-ser e é problemático. Produz a individuação das coisas pela intensidade, pelo signo. A inteligência coage a sensibilidade afetada pelo próprio signo. O aprendizado dos signos só é possível de exercer-se quando nos tornamos sensíveis a eles. É signo porque exprime um mundo possível porém estranho para o corpo.

O que se tem é menos verdades, antes signos e interpretações. O corpo se nutre deles. O signo tem um sentido sempre equívoco, implícito e implicado. Os signos se cruzam constantemente e o corpo se transforma, produz nova estranheza, outra revolução de signos a decifrar o corpo. Nesse movimento, advém sempre, novas estranhezas, novos desejos que se espalham por linhas de fuga, de resistência, de mudança. Menos verdades, mas renovar as perguntas, que a composição seja como

cascata despejando questões que serão fonte de problemas. Tem de todas as coisas, vivendo é que se aprende, mas o que se deve aprender mais, é fazer perguntas. É sempre uma multiplicidade que fala, que age. É a multiplicidade que problematiza.

Seria um pensar direcionado a encontrar linhas de fuga que convocam, incitam e levam a pensar. O que mais se sente é como se do íntimo tivessem tirado o esteio, o pé-no-chão, que então, repuxa as idéias. Aos poucos, perguntando a uns, escutando a outros, lembrando histórias antigas, quase a maneira de sem saber o que está fazendo e querendo. Corpo estranho que produz a diferença que perturba, como uma prosa que faz perder-se, como aquilo que falta à própria identidade. Custoso por não ser, por estar do avesso, além disso, demanda um rompante de coragem para o ato que acha o desejo para executar. Perplexidade, espanto, pânico são as forças constitutivas do corpo, da gênese de um pensamento. Signos que coagem a pensar. O afecto advém por pura coação.

É assim, que se pode entrever o corpo circundado de confusão que se pega pensando, simultâneo à violência do signo e sempre descompassado da linguagem ou do pensamento que confirma. Alegria e drama revolvem-se de tal modo que mal se consegue delimitar papéis e espaços. Os signos são prazer e tormento, fascínio e perplexidade que não encontram repouso, estremece o corpo em busca de uma forma, que na verdade, é um não-ser. Os gestos que são dirigidos são dedicados ainda, a exprimir um mundo que está excluído. Signo que faz o corpo circular, rodar, girar, começar e terminar o enredo. É jogo sem regras, o desejo está entretido na multiplicidade, na virtualidade dos acontecimentos enredados na produção dominante e pelas renovadas interrogações que o desejo suscita e faz vibrar.

Este modo de pensar é uma invenção da natureza, que é uma virtualidade, um não-ser. Nesse processo de invenção e transformações de uma estranheza, germina a

semente do verdadeiro acontecimento que é o corpo singular, travessia do desejo que ele tenta percorrer. Virtual que produz singularidades. O que importa é se esta imagem de pensamento é capaz de apreender e relacionar-se numa espécie de mistura no entre, que ilumina um olhar, um gesto e opera um devir. Contar ou escutar é presentificar uma espécie de entrecruzamento de dobras entre as séries estruturantes e as camadas de dizibilidade e visibilidade do corpo e suas batalhas ocultas. O que mais importa se passa nas zonas obscuras, onde se instalam lutas e se criam linhas de fuga, de resistência e de gênese da criação do novo, de revelação e invenção de mundos. O que faz sofrer, adoecer, fortalecer, emergir outro eu, está no âmago dos movimentos de interrogação que a experimentação suscita a cada problema em pauta. Assim, o que é isso que perturba? O que é isso que toca? O que comove e afeta?

Trata-se de um modo de experimentar tudo que está no meio e na superfície. Significa proceder por experimentação, uma clínica que se presentifica como complexa, onde não são obstáculos a remover, mas em torno dos quais ganham-se novas formas de pensar e existir. Uma criação que desafia todos os códigos, segundo esteja em fazer existir as coisas, os corpos, os estados e também, os limites de linhas de fuga. Empreende uma experiência de fazer a clínica em uma zona anterior ao estabelecimento de um nós intersubjetivo e estável, e, transforma tal zona não na questão de um reconhecimento de si mesmo no mundo, mas antes na de um encontro com aquilo que ainda não se poderia determinar, com aquilo que ainda não se poderia descrever, uma vez que não se possui ainda as palavras para tanto. Uma clínica experimental que não consiste em descobrir o eterno e o universal, os significados e os significantes, mas encontrar as condições sob as quais algo novo é produzido.

Para dizer a construção de si, que se dá na relação com o outro e com o mundo, na superfície, Deleuze (1999) criou o conceito de dobra que permite habitar o limite que

traça as bordas do que é o sujeito e, permite situar-se em uma linha instável e arriscada; a linha do lado do Fora, na qual os contornos do familiar imaginável e representável, diluem-se em contato com o desconhecido – o intraduzível e o irrepresentável. Portanto, é preciso dobrar a linha para constituir uma zona vivível onde seja possível alojar-se, enfrentar, apoiar-se, pensar.

A dobra supõe um movimento na superfície que incorpora a categoria do possível. O sujeito faz conexões com o exterior e dobra-se para dentro, formando um interior. A dobra, portanto, faz deslocar das anatomias mentais imaginárias e lingüísticas para um universo de fluxos e linhas de forças em conexão entre humanos, inumanos e espaços. Refere-se a um agenciamento e as relações entre signos que estão sendo agenciados. As dobras, portanto, incorporam sem totalizar, internalizam sem unificar, juntam-se de maneira descontínua, formando superfícies, fluxos e relações.

O sujeito deve, portanto, enfrentar a linha do lado de Fora, essa zona intermediária, que define o que pensa e faz o sujeito, e ser capaz de dobrá-las para construir espaços e dobras, que permitam alargar o horizonte do que é. Isto lhe dará um novo corpo, com outra sensibilidade, que abre a possibilidade de tornar habitável a fronteira onde se encontram e se transformam o representável e o irrepresentável.

Restaria, para a escuta na clínica, um modo de pensar incomum, intempestivo, turbulento que busca contatar o Fora, como um modo de operar agenciamentos com a exterioridade, encontros que são caracterizados pelo contato com o estranho que faz brechas na estrutura, onde está em jogo a tentativa de inventar algo com outrem. Operar por um modo de conectar a ação, o pensamento e a escuta com o exterior, operando o fora do pensamento, ao invés de agir, pensar e ouvir interioridades. Ligar estados vividos ao intempestivo, torná-los fluxos capazes de levar para mais além, na exterioridade. Não se trataria de conhecer o significado da palavra, mas antes, com que



se conecta na superfície, entre o representável e o irrepresentável. Pensar o inconsciente não como uma matriz que modela e determina, mas como um campo de virtualidades, a partir do qual não se pode saber previamente o que está em vias de ser inventado.

Nossa experiência sempre se faz entre os limites, numa tensão entre o organismo e o fundo indiferenciado do corpo, o inconsciente primordial, onde compreende-se que os corpos e as palavras são, ao mesmo tempo, separados e articulados por uma fronteira incorpórea, que representa o sentido, onde o expresso puro das palavras e o atributo lógico dos corpos se tocam. Desde esta perspectiva, a forma pessoal é incapaz de atingir por si mesma experiências singulares. Humanizar demasiado o eu, é procurar sua morte, é simbolizar, é fazer o gesto representá-lo noutra lugar, fazendo dele seu próprio duplo. É falar da estranha ausência de uma presença, esse impossível projeto. E o corpo debruça-se sobre si mesmo, destituído de seu projeto de recriar-se. Aí nenhum outro saber há. O impessoal, mal tolerado pelo demasiado humano está sempre se reescrevendo em suas combinações com o outro e o mundo.

Em Nietzsche, o corpo originariamente sofre da impressão e do reconhecimento de uma potência estrangeira, que é inseparável de uma sensibilidade do corpo, por causa de um afrontamento de um Fora, que o transforma.

É assim, que o encontro suscita um choque porque declara um vazio e desde aí, não é possível prever o que será. O outro e o mundo, sempre é um excesso que excede a complementaridade e marca de uma maneira radical, e, neste sentido não totaliza o eu, ao contrário, o fragmenta. Lispector (Op. cit., p. 34) falará do excesso dos fatos da vida: “Não gosto quando pingam limão nas minhas profundezas e fazem com que eu me contorça toda. Os fatos da vida são o limão na ostra? Será que a ostra dorme?” O novo torna o sujeito um outro e sua emergência o ameaça porque não saber o que virá a ser, adquire o caráter de impensável. O corpo, portanto, deve suportar o desconhecido que o

destrói e, viver o inviável, diante do inominável e irrepresentável, que corporifica a impossibilidade de representar-se, enquanto figura capturável e completa.

O paradoxo, seria, como dirá Lapoujade (2002), por um lado, não agüentar mais tudo aquilo que o corpo sofre e faz sofrer, e, por outro, abrir o corpo para tudo aquilo que advém sob o regime do sutil. Paradoxo, que se é possível viver, faz-se com o corpo sem órgãos de Deleuze (1997), tomado como ponto de apoio estratégico para pensar a problemática da impessoalidade singular como existência do sujeito, pela sua fragmentação e dispersão. É um corpo intensivo e sensível que entra em sintonia, e faz a articulação entre o representável e o irrepresentável, único capaz de fazer a conexão com signos e fazer uma captura nas conexões. Então, cresce ao abrir-se para o Fora, para o inteiramente outro; rachadura por onde o virtual pode proliferar. Algo outro terá finalmente oportunidade de acontecer.

Doel (2001) dirá que, no corpo sem órgãos, as linhas de fuga levam os fluxos fixos do interior do sujeito para o contexto do aberto da inteira “história-real-do-mundo”, onde ocorre experimentação, invenção, singularidade, alteridade.

Massumi (2001 apud Doel) também verá o corpo sem órgãos como um corpo pré-representativo, capaz de uma re-emergência do virtual. Para ele, fora da ordem simbiótica edipianizada existe um corpo indiferenciado trabalhando em um estado pré-lingüístico de confusão imaginária entre (a fusão com) o eu e a mãe-outra. Assim, a chamada fragmentação exibida pelo corpo pré-edípico, é, na verdade, a fractilidade de objetos-parte não a falta de uma unidade, mas a capacidade real para uma nova conexão. Não é uma negatividade, mas uma faculdade positiva, retorno ao corpo sem órgãos, uma re-emergência do virtual.

Desde esta dimensão, trabalhar-se-ia, na clínica, de um ponto de vista da desconstrução do corpo, numa mistura de códigos que funciona por meio do

indecidível, intervindo num esforço para liberar o potencial do corpo intensivo, de onde intervém linhas de fuga que fazem deslocar estabilizações fixas, transformando-as em uma multiplicidade aberta, que tem por natureza mudar constantemente e fazer emergir algo novo e perdurar. O aberto estaria sempre perturbando e ameaçando a consistência, coerência e estabilidade do ser e abre lugar àquilo que é inteiramente outro. Da perspectiva do eu, esses movimentos aparecem como um colapso catastrófico, mas da perspectiva da intensidade, dos virtuais e do impessoal, eles fornecem linhas que desarticulam e linhas de fuga em direção a um corpo a advir.

Está-se num terreno movediço, onde não é fácil conferir visibilidade teórico-clínica aos conceitos que procuro delinear, uma vez que, no seu limite, a clínica tem a associação livre como regra fundamental e lida com o sujeito linguagem como produtor de significados. Contudo, estes processos ligados à corporeidade, entram em cena, em uma análise. Este diferente do que conhecemos, o não-verbal, corporal, sensorial, intensivo, que escapam à representação devem entrar em sintonia para fazer surgir o inominável, o impensável, que seria a zona de indistinção, onde se pode trabalhar. Contudo, não se trata, de um método para a clínica, mas um ponto de vista, uma forma de pensar, onde o corpo é o grande personagem conceitual, o diferente da clínica e de nós, que auxilia a revisar o plano da clínica.

### III - O ADVIR DA CRIAÇÃO NA CLINICA

Não, isto tudo não acontece em fatos reais  
mas sim no domínio de – de uma arte?  
sim, de um artifício por meio do qual  
surge uma realidade delicadíssima que  
passa a existir em mim: a transfiguração me  
aconteceu.

Clarice Lispector.

A clínica vai além da racionalidade técnica que a legitima. Esgarça o mito da possível neutralidade, porque o terapeuta interfere diretamente no fenômeno, armando-o à sua maneira e tornando-o acontecimento que ultrapassa o ato. Se a transferência se desfez, se o fantasma apareceu, nunca se sabe se foi só isso. Porque também se sabe da intensidade das forças, do encontro dos corpos, do imprevisto, da surpresa, da vida que inventa e cria. Esses instantes são fugazes, singulares, subversivos. Escapam e resistem à palavra e não se pode dizer muito deles. Não os capturam os códigos, porque não se pode descrever o que está em vias de se formar. Sua inspiração pode estar em qualquer lugar e nunca se sabe de onde sairá, porque o desejo nasce e corre por toda a parte, escapa ao estabelecido, atravessa desertos, cria formas e sentidos inusitados. Estes instantes estão livres de todas as referências do negativo, da falta e do significante.

Os acontecimentos ocultam-se a um sentir menos sensível. Não se encontram escritos, porque são construção momentânea. Não dependem apenas de um ou de outro. Ocorre entre um e outro. O entre, esse lugar que não é o eu nem o outro, onde as palavras e as coisas se tocam, é o lugar do impessoal, das marcas que se desdobram e fazem aparecer o sentido. Coloca-se a questão do encontro e de suas ressonâncias. A

experiência entre os corpos é de pura afecção, de sensorialização do corpo em sua dimensão de força e intensidade. Algo brota ali onde nada existia antes, movido pelo desejo e conjunções singulares. Estão além da teoria e excedem a técnica; perguntas em aberto e respostas nômades. A cada momento se produz um resultado único e irrepetível que escapa ao previsível. O ato da criação dá forma onde nada havia, sendo um íntimo que se desdobra em espaço aberto e revela-se como Fora. Estabelece um constante vaivém entre o dentro e o Fora, transgride o limite do instituído, para divisar novos modos de existência.

De que lugar se trabalha: desde o poder ou desde a potência? O poder estaria do lado de nosso suposto-saber. Configura o que já está posto, como se fosse o que poderia vir-a-ser, onde o sujeito se tornaria cada vez mais ele mesmo. O “humano demasiado humano”, como diria Nietzsche (1978). O homem, dizia ele, é o criador dos valores, mas esquece sua própria criação e vê nos valores algo de “transcendente”, de “eterno”, de “verdadeiro”, e passa a compor padrões demarcados e adaptativos. A vida se desenvolve num cenário que tem como fundamento valores; avaliar, recusar e criar valores passa a ser tarefa importante para o favorecimento da vida. Mas, o que afirma nossa existência também é aquilo que a destrói. O desejo é capturado por uma ilusão de poder deter as rédeas da situação, recorre a verdades transcendentais para a resolução de problemas e, enfraquece o próprio potencial, quando não reabastecido pela criação, pela inventividade.

Na potência, não há regras possíveis. Potência significa estar aberto ao entre-forças que constitui o Fora, num espaço vertiginoso intensíssimo, como dirá Pełbart. (1989) Defronta-nos com um abismo, onde a linguagem se expõe a este jogo intensivo, deixando circular em seu meio o entre-forças, avançando numa expectativa aberta para o novo, o inusitado, o desconhecido. A potência é, essencialmente, criadora, extrapola

os limites de uma forma figurativa do eu, e se faz por acaso e improvisação, no acaso dos encontros, onde se produzem diferenças. Como dirá Nietzsche (1978), é o inumano, o incorporal, o que carregamos de intensidade que tem a potência de criação, e, é o que interrompe o discurso da memória, salva a história infinitamente repetida e garante o vir-a-ser. Criar é vir-a-ser e colocar a realidade como devir, inventando um novo território. Lispector (Op. cit., p. 75), assim, referirá o vir-a-ser: "... é uma lenta e lenta dor boa. É o espreguiçamento amplo até onde a pessoa pode se esticar".

Para Guattari e Deleuze (1997) nas três grandes formas de pensamento ou da criação, na arte, na ciência e na filosofia, trata-se sempre, de enfrentar o caos e esboçar um plano sobre o caos. A filosofia abre-se ao infinito, traçando um plano de imanência, fazendo surgir os acontecimentos. A ciência, renuncia ao infinito para ganhar referência, construindo estados de coisas com suas funções. A arte quer criar um finito que restitua o infinito e ergue monumentos com suas sensações. Estabelecem-se entre estes planos, correspondências que compõem uma malha, onde os elementos que vão sendo criados nos diferentes planos, ligam-se a outros, na constituição do pensamento como heterogênese.

O processo terapêutico constituir-se-ia como um projeto de conhecimento do corpo-criação, que consistiria no desvendamento da vida através destes planos que compõem o pensamento, facultando a composição de novos territórios existenciais, numa aptidão para deixar aparecer as coisas como se apresentam, numa tal atitude, cada momento, cada agora, como num abrir-se constante.

Nesta perspectiva, terapeuta e paciente caminhariam no rastro da criação que dá passagem do finito ao infinito, buscando sempre a diversidade do mundo terapêutico, numa ontologia construtivista, onde o mundo se cria a cada momento, constituindo objetos e formas de subjetivação.

Neste enquadre, uma análise deveria ter o compromisso de resgatar permanentemente a capacidade da criação. Consistiria em caminhar a partir do que temos constituído, mas como algo provisório, parcial, em direção ao desconhecido. A noção de paradigma ético-estético e político nortearia as práticas analíticas, a fim de que outras perspectivas, desejos e composições pudessem ser atualizadas. Para que o ato analítico se torne um acontecimento, para que aquilo que é vivido como hábito, rotina e o que pareceria obvio, seja desnaturalizado, trazendo inquietação e liberação de forças e potências.

O paradigma estético trata da criação da existência e da criação permanente do mundo. Pressupõe a criação em seu estado nascente, que é o que constitui a potência permanente e contingente de atualização, de devir. Para Guattari (1992) o limite da constituição do paradigma estético está na aptidão desses processos de criação para se auto-afirmarem como fonte existencial. O paradigma, é também, ético e político, pois evidencia um compromisso com a potência e efetuação da vida na diferenciação do ser, e, um ato de responsabilidade frente ao constituído, frente às opções que vão se constituindo e que ultrapassam os esquemas preestabelecidos.

O paradigma estabelece um campo de possibilidades de captação dos objetos incorporais na sua dimensão de alteridade propriamente dita, do acolhimento do estranho em nós, algo que Suely Rolnik (1993) chama de marcas, uma memória do invisível, não de fatos. O que se passa não é só da ordem do plano visível, mas também do invisível, igualmente real. No visível há uma relação entre um eu, o outro e o mundo, como unidades individuais e independentes. No invisível há a textura feita de fluxos que se conectam com outros fluxos, formando composições que se interligam com outras composições. Para a autora, tais composições geram em nós estados inéditos inteiramente estranhos em relação aquilo que chamamos de nosso eu. O que vem

primeiro é a capacidade de se deixar marcar, que não tem a ver com o individual, mas com o pré-individual.

Rolnik (Op. cit.) dirá que as marcas encarnam estados inéditos, que se produzem no corpo, a partir das composições que vivemos, porque constituem uma diferença, quando o corpo é coagido por uma violência que faz pensar. Signo vivido em nosso corpo que coage em sua estranheza, desestabiliza e exige a criação de um novo corpo, um outro modo de sentir, pensar, agir, que encena um estado inédito, nunca vivido antes. Uma marca colocada em circuito continua viva e insiste como um virtual, sempre podendo ser atualizada, quando é atraída ou atrai ao encontrar ressonâncias, instaurando sempre uma abertura para a criação de um novo corpo.

Para a autora, este movimento feito de marcas, suas atualizações e combinações dizem de um tempo que funciona sob uma outra lógica. Uma memória das marcas como pontos virtuais, como linhas de tempo que se abrem em múltiplas e imprevisíveis direções em que vai se produzindo a realidade. Portanto, um tempo memória que dura e insiste, memória que se faz no corpo, não em seu estado visível, mas em seu estado invisível, onde o corpo integra aquela textura que se compõe de misturas de fluxos.

Do ponto de vista do invisível, a linha do tempo engendra um trabalho com uma marca, que na espera e esquecimento, submerge à inquietação e coage por sua estranheza, efetuando-se um novo corpo, uma nova existência. É um movimento contínuo, pontuado por intensidades que produzem diferenças que disparam atualizações em múltiplas direções. O trabalho é fazer um corte e, efetuar no visível o devir que se engendra no invisível.

Não reproduzir o visível, mas tornar visível forças invisíveis, captando sua intensidade. O invisível é o tempo, a pressão, a inércia, a atração, o grito. O corpo visível mostra as forças invisíveis pelas marcas que elas deixam nele e, tornando-as



visíveis ele as potencializa e eleva-as a um nível vital. Mesmo que essa força seja a morte, as marcas-feridas, tornam-se sensação, raio intensivo. Poder de risco de vida, dirá Deleuze. O grito aterrorizante que vira vida.

Logo, o corpo seria o provável espaço onde o indivíduo pode constituir uma figuração possível para si, num modo de criar o corpo, que o transporta para um jogo entre o invisível e as palavras, e neste exercício, esculpe a matéria-prima do tempo que dura. A ordem da corporeidade precede a da representação, e encontra a matéria para a criação do corpo, em seu aspecto afectivo-perceptivo. Segundo Porto (1996, p. 123), “é neste modo de (re)representação muito originário, que o inconsciente profundo se banha e, é com este material que podemos pensar a criação do corpo”.

Segundo Naffah Neto (1996), a dinâmica que rege o devir dessas forças é, fundamentalmente, o inconsciente primordial, indizível e invisível que é fluxo, e, por isso, se constitui num fazer permanente, devir em movimento, indefinindo seus objetos, por mais estruturas que ele encontre ou que se reconheça numa origem única. Para Katz (1996, p. 92), “o inconsciente é o encontro do real-imaginário e, portanto, inseparável dentro-e-fora”.

Trata-se de um modo outro de conectar-se com o corpo, a partir do que é vivido e que, ao mesmo tempo, expressa uma constante luta pela não captura da existência ao instituído. Da ação do corpo participam impactos afetivos de diferentes qualidades, produzidos pelos acontecimentos, como alimentos afetivo-simbólicos que podem ser acolhidos e assimilados. A comunicação, na situação analítica, acontece no âmbito da linguagem com seus usos e figuras e no âmbito daquilo que atravessa a linguagem, que a usa segundo propósitos, que definitivamente são pré-verbais, intensivos. Uma linguagem levada ao seu extremo limite, à potência do indizível. Essa linguagem se liga ao inconsciente primordial, do qual fala Naffah Neto, para além de seu caráter

representativo e comunicativo. É deste campo virtual de forças, que brota uma nova condição da linguagem criativa, que racha com a mera repetição de sentidos.

O que se tem, então, é um olhar para uma outra cena que não as tecnicamente encerradas em insondáveis passados e indecifráveis enigmas e, “fazer falar aquilo que gostaria de permanecer mudo”, (Nietzsche, 1978) ao invés, de só descrever e interpretar. Tratar-se-ia de, operar com uma clínica que não é uma idéia de método, mas de travessia, no embalo do encontro acaso inesquecível, intempestivo que se prefigura enquanto signo que violentamente coage, interroga, rouba a paz e força a pensar. Procurar o que ainda não existe nas fronteiras do desconhecido. Talvez por isso se torne tão difícil olhar. Porque o olhar logo divisa o que já conhece e o que lá está, deixando intocadas as intensidades, os buracos, os vazios, os choques. O olhar que não quer se desacomodar. O desafio parece ser, lidar com a interrupção do processo que quebra a continuidade da estrutura pela emergência do acontecimento, do acaso, que resulta do jogo de forças entre desejos e encontros. Trata-se de enxergar, sentir, viver, deixar-se afetar e acompanhar estes movimentos que criam sentidos novos para novos modos de existir.

Pelbart (2004) afirmará que, a relação terapêutica não responde sobre o visível da história. É uma operação que exige a desobstrução de um invisível, como campo virtual para devires. A relação com o invisível é o espaço em que surge o tempo que brota, jorra e deriva. Neste sentido, trata-se de propiciar condições e dar tempo para que a forma e o tempo brotem à partir do informe e do indecيدido, para trazer o acontecimento. Considerando isso, a condição para o pensamento, para a criação, para a transformação, é resgatar o jorrar do tempo em sua vida e não na sua antecipação.

Naffah Neto (1996) dirá que, é no invisível que cada existência se tece e se constitui numa alternância entre diferentes personagens, que se criam e se desmancham,

como expressões formais de lutas entre múltiplos campos de forças. Neste sentido, o trabalho terapêutico estará sempre procurando interpretar as formas como o corpo é constituído e regido por estas forças e, como pode ou não acolhê-las e participar de seu devir, como escolha.

Aponta, portanto, para um processo de criação, sendo os materiais de expressão que se disponibilizam, as imagens, as marcas, as percepções, os afetos, os desejos, enfim, corpos com um potencial de criação ilimitado, a partir de suas combinações e misturas. Um modo-rizoma onde ressonâncias se conectam, colocando em jogo regimes de signos e de não-signos muito diferentes entre si. Não cabe responder, mas experimentar, desconstruir verdades, abrir-se para forças intensivas, para os afectos que pedem passagem e conectam-se no entre. Operar como um plano de consistência como meio, como entre, como acontecimento, como um processo que acompanha os movimentos intensivos que impelem à criação de sentidos.

Desde esta perspectiva, o passado não seria entendido como a origem primeira, mas como um tempo repleto de marcas que duram e insistem, sempre em movimentos de atualizações. As marcas deveriam descrever, mais precisamente, como os corpos tomam posse do que aparece, arrastando a matéria do que está em vias de se constituir. Ter presente um processo de devir é estar-entre, no interstício de dois pontos, aquilo que seria condição e vontade de novidade. O novo se dá quando uma inesperada ruptura acontece, quando algo incita a um começo, já que a diferenciação é da ordem de um vazio, da quase-causa que marca uma linha de fuga, expressão da virtualidade: devir-acontecimento. Sandra Corazza (2004), referirá que o acontecimento estabelece uma distinção entre duas co-dimensões do presente: a parte da história ou do “ser” desse presente e a sua parte virtual ou não-histórica do devir. Estabelece-se uma outra lógica

temporal, que é a do tempo que contém as marcas que se potencializam por ressonâncias.

A concepção das marcas como matéria-prima do corpo, de que fala Rolnik (Op. cit.), pode ser correlacionada com a concepção de Walter Benjamin (1999 apud Gagnebin), do sujeito que retoma inventivamente sua origem perdida, como uma abertura de inacabamento constitutivo. Isto só é possível se uma história é dita com hesitações, inquietações e angústias, resistindo à tentação de preencher as faltas e sufocar os silêncios, fazendo um reencontro imediato com o passado, como se a lembrança pudesse agarrar-se a uma idéia. Deve ser contada como uma história que se desenvolve agora e que admite vários percursos possíveis, várias seqüências diferentes, conclusões desconhecidas e que podem não só ser escolhidas, mas inventadas. O conceito de origem designaria a origem que quebra a linha do tempo, e, faz saltar o passado congelado, as marcas-feridas, que fazem ligações inéditas e desenham novos sentidos.

Benjamin, igualmente, propõe a lógica temporal, do “tempo de agora”, que instaura o instante daquilo que começa a ser um devir sem partir de lugar algum. A memória interrompe o rio, e recolhe, num instante privilegiado, as migalhas do passado e as oferece à atenção do presente. O eu vai se dizendo nessas miniaturas de sentido com acabamento estético que é a condição de sua significação. O eu nelas se diz, não só para lembrar-se de si, mas também para ceder lugar a outro que não si mesmo. Um lembrar criador e transformador como uma tentativa sempre retomada que pede outro devir. Um sujeito se desfaz e outro surge. Significa a renúncia à discursividade linear, para deter a atenção em um instante que se rompe e acarreta uma alteridade sempre transformada do objeto.

Stiegler (Op. cit.) partindo de Nietzsche, dirá que o homem se humanizou hipertrofiando sua memória, incorporando um passado que ele mesmo nem viveu. Mas, se seu corpo carrega a memória de um passado excessivo, sua consciência em compensação, isola deliberadamente o passado para tornar-se disponível ao presente e atento ao mundo, porque sem esquecimento não poderia haver presente.

Tratar-se-ia de lutar contra a transformação da memória do passado numa espécie de eterna repetição, num discurso interminável, que seria uma infidelidade ao presente. Se não fosse o esquecimento, a consciência ficaria invadida de sentimentos do passado. Impossibilitado de ação no presente, o homem, só poderia re-sentir o passado, eternizando o que era contingente e fortuito. O ressentimento designa uma reiteração do sentimento passado que, enquanto vivência passiva, toma o lugar da atividade presente. Esse passado ressentido, seria o trauma, acontecimento que não acabou de acontecer, um acontecimento que não tramita. O passado não torna-se apto para ser esquecido, o presente está obstruído e o futuro não se abre, como um campo de possibilidades do que já passou.

Para Benjamin (1999 apud Gagnebin), o esquecimento, igualmente, não significaria perda, pois sempre há a preocupação de sob as ruínas do passado dar voz a sua potência criadora. O esquecimento remete à felicidade porque não significaria mais negligência ou injustiça. Vai além da rememoração perigosa, que ao sofrer uma interrupção e um estado de choque cria uma verdade radical, produzindo sentidos novos.

O esquecimento, para Nietzsche e Benjamin, significa uma resposta ativa ao apelo do presente e a promessa do futuro. Stiegler (Op. cit.) dirá que, a hipertrofia da memória, ao mesmo tempo, que é a fonte de patologias, é também, de inéditas promessas de individuação. A alegria do esquecimento é de não ter mais que se lembrar,

por não mais carregar um peso insuportável do passado. Mas se apoiar no passado para tomar impulso para ir para frente com uma nova leveza, que transforma o sofrimento ressentido em singularidade.

Mas, se como afirma Stiegler (Op. cit.), a hipertrofia da memória é de fato aquilo que abriu a carne humana mais que outra, ao excesso de fluxo, ela é, também, aquilo que a levou a se fechar, porque a irrupção de um elemento estrangeiro afeta e transforma sua organização interna e provoca necessariamente sofrimento.

Mas, por outro lado, como diz a autora, o corpo está encarregado de introduzir no fluxo tudo aquilo que a ele falta, organizando-o e estabilizando-o e, nisso, projetando no fluxo ficções necessárias à sua organização. Tal é a virtude, o sentido, fundamentalmente organizador de todo o organismo.

É preciso, então, ser sensível ao sofrimento advindo do excesso de fluxo, sem fechar completamente as portas ao exterior. Lapoujade (2002) afirmará que, se fica doente porque não se acede aos próprios sofrimentos. O paradoxo é tornar a vida doente para separá-la do sofrimento, e todo o problema consiste em encontrar uma saúde no sofrimento: ser sensível ao sofrimento do corpo, sem adoecer. Então se as marcas-feridas, por um lado, produzem um estado de enfraquecimento, por outro lado, um trabalho enquanto instrumento de pensamento-criação tem o poder de penetrar nessas marcas e fazer atualizar sua potência.

A exigência ética em relação ao sofrimento significaria dar ao real e ao material sua potência de interrogação e de criação. A narrativa, para ser um processo de criação deve ter a força de romper, resistir a dor, tornar-se a dor uma fonte inacabada, sem que se transforme num fardo, mas sempre pronta a novas possibilidades de vida. O verdadeiro objeto das marcas e da rememoração seria, a particularidade de um acontecimento, ou seja, sofrer o encontro com uma alteridade inesperada e inominável,

entrar em contato com o que sempre esteve ali, tão próximo, mas esteve o tempo todo como fundo, reserva e possibilitação do que até então esteve presente. Seria pensar a estrutura com interrupções, com a emergência de um pensar criador e transformador que, sob as ruínas do passado, forçará a potência transformadora. Prestar atenção às asperezas das interrupções, à inquietação, às angústias que quebram os silêncios e põem à tona o incognoscível, remete aos riscos que nenhum saber preexistente conseguiria impedir. Mas este choque, que aparece como o inexprimível, que nem sempre será, forçará a potência que brota do caos. A obra atinge seu mais elevado grau de luz, abre espaço para inventar o que não se sabe, para criar e para transformar. Esta conjugação faz a imagem de uma novidade radical que se torna origem. A origem será, então, não uma ferida do passado a ser curada, mas como o advir de singularidades do eu. Assim, o passado deixa de ser um fardo, brota algo novo, ali onde há a ruptura pela conexão com o acontecimento.

Do ponto de vista da criação, o trabalho do terapeuta, seria desde a perspectiva do modo como Rolnik (Op. cit.) pensa uma prática enquanto pensamento. A autora afirmará que o trabalho com o pensamento diz respeito, fundamentalmente, às marcas e a violência que elas impelem. Se a marca coloca uma exigência de trabalho que consiste na criação de um corpo que a existencialize, o pensamento é uma das práticas onde se dá esta corporificação. A matéria-prima do pensamento são as marcas, que funcionam como universo de referência dos modos de existência que vão se criando. O pensamento exercido deste modo, funciona ao acaso e pela pressão das marcas que se fazem no corpo e das composições que vão se tecendo. O pensamento é o fruto da violência de uma diferença posta em circuito, e é através do que ele cria que nasce a verdade de cada sujeito.

Seria uma espécie de atenção leve e intensa sobre o instante. Esta atenção indica uma presença do sujeito no mundo, tal que saiba deter-se, hesitar, perder-se. Método perigoso que pode não levar a lugar algum, porque a intensidade é ao mesmo tempo destruidora e salvadora, faz ruir a ordem das palavras e das coisas e, se algo puder ser salvo, só o será sobre essas ruínas, porque a criação tem um poder de tratamento em relação aquilo que se chama marcas-feridas.

O analista não detém um saber sobre o paciente, mas um aprender, um criar. Seria como criador que o terapeuta se colocaria enquanto pensador. Se utilizaria do pensamento como instrumento a serviço das marcas que convocam a ambos, analista e paciente, criando novas possibilidades de vida, que dêem conta das diferenças que vão se fazendo no corpo. O que o analista criador visa, seria suscitar no paciente este criador, que não falará das mesmas coisas, do mesmo estilo, mas desde sua singularidade, que são suas marcas.

A prática clínica ganharia uma dimensão, onde o paciente encontra suporte para desenvolver recursos psíquicos para uma experimentação que implica uma torção em seu modo de subjetivação. Experimentar recursos psíquicos para suportar a inquietação causada pela violência e estranheza das marcas. Um trabalho que potencializa a capacidade de afirmação da vida.

Para suscitar este criador, o analista tem de poder suscitá-lo em si mesmo, o que exige um “eu” de menos, para que sua escuta alcance um outro plano que não compreenderia a falta, o negativo, que estabilizaria o equilíbrio de um plano visível, mas aquilo que sobra desde este plano, criando um lugar para isto que sobra tornar-se existência. Estranho aprender e criar que oscila, ora se estagna, se acelera ou salta como se fosse do nada. Mas não, é o efeito de movimentos invisíveis que se operam na espera e no esquecimento. Um aberto a ser povoado por um pensamento criador.



#### IV – A CLÍNICA DO IMPESSOAL: COMO PODEMOS PENSÁ-LA?

Mas há também o mistério do impessoal que é o it:  
eu tenho o impessoal dentro de mim e não é  
corrupto e apodrecível pelo pessoal que às vezes  
me encharca: mas seco-me ao sol e sou um  
impessoal de caroço seco e germinável.

Clarice Lispector.

Como operar uma clínica do que não pode ser dito, porque não há palavras que expressem um sofrimento que mal pode ser tolerado e que não tem pausa, como um vazio que não pode ser encerrado e, em torno do qual nada se inscreve, como hemorragia, onde tudo desliza e não se liga a ponto algum.

Vitória que se trata há oito meses, sente-se desligada do mundo e das pessoas, principalmente das pessoas que mais ama ou amava e, por conta disso, se desliga da vida. Não crê voltar a sentir vontade de viver. Nada toca seu coração e tudo o que acontece parece escorrer e se perder sem fazer conexões com o que está dentro dela. Seu corpo e seus sentidos estão sempre à flor da pele, captando mínimos movimentos e intensidades afetivas. Vitória teme perder o controle sobre sua vida e tentar suicídio, como já o fez. A loucura de Vitória consistiria em não conseguir segurar-se no mundo e afundar-se nele. A saúde, nesta perspectiva, seria a possibilidade de estar em consistência num infinito aberto ao devir.

Sabemos na clínica, o quão intenso é o sofrimento do paciente, quando se depara com processos psíquicos ligados a estados emocionais intensos. Parece estabelecerem-se como um psiquismo corporal, marcado por códigos afetivos sem significações, que se furtam ao representacional. Quando a linguagem falta, abre-se um vazio que mantém o sujeito no limite, à beira da fissura, no abismo. Nossa sensibilidade e intuição podem

ser nossas únicas ferramentas para trabalhar nesta passagem entre o mundo da comunicação humana normal e o escandaloso e inumano impessoal e, numa alusão a Deleuze, “onde as palavras e as coisas se tocam.”

A prática clínica sempre excede as teorias que pensam o seu modelo e desafia nosso fazer com o impossível. A determinação passada não orienta a determinação, senão que existe um estado indeterminado, que orienta a determinação. Como pensar na clínica, um conceito de potencialidade que aponta para a virtualidade que resiste a toda a representação e é invisível e inominável? Como pensar esta problemática? Não se trata de substituir um modelo por outro, mas complexizar e gerar condições para produzir e criar, muito além, da repetição. Seria produzir uma mudança de ótica na maneira de pensar a clínica, abrir espaços para pensar sobre pontos de impasses, contradições, turbulências em nosso fazer cotidiano, para não fechar a possibilidade de atravessar avatares da investigação, cujo ponto culminante, é a singularidade de cada sujeito. Tomar contato com o desconhecido, para que não passe de pontos obscuros a certezas, e, manter viva a capacidade de assombrar-se, diante do inesperado e do complexo, mesmo que o preço a ser pago seja o caos em nosso pensamento e em nossa intervenção clínica. Então, cabe perguntar como se realiza o inesperado. O inesperado se efetuará como algo invisível e inominável, que já estava lá e não se sabia? Ou havia uma descontinuidade que não podia se prever, porque não tinha existência prévia? Estas interrogações constroem um dispositivo que implica conceber a presença do analista na produção da relação analista-analisando. Seria, então, um espaço aberto à significação que aponta a nomear o que não tem nome e fazer falar o que não tem palavra. Acolher a descontinuidade que marca uma ruptura, porque a exterioridade permite nomear o vazio e o não sabido, de onde advém um sentido novo, que cria interioridades e constitui um novo corpo. Desde esta ótica, a direção da clínica, implicaria ir além de desvelar

sentidos. Implicaria antes de tudo, construir marcas inéditas que não estavam e irão gerar novos inconscientes que modificarão as significações existentes.

Como dizer o corpo, como “escutar o seu indizível”?

Guattari (1990, p. 17-18) dirá que, “não basta pensar para ser, já que existem outras maneiras de existir fora da consciência”. Os fatos humanos não são óbvios, o estranhamento das certezas vem relativizar a razão como a única forma de conhecimento. Há uma outra lógica que constrói o corpo e, é a da processualidade: nela, o conhecimento do corpo não é dado, ele se engendra, configurando-se num plano de imanência e, não muda por um ideal abstrato ou por um modelo ao qual deveria se conformar.

José Gil (2000) conceberá que o vivido do espaço do corpo está além do vivido da consciência; está nas fronteiras entre o sentido e o pensado. Faz-se por meio do corpo paradoxal, como fonte do paradoxo da presença e da ausência, que diz respeito à articulação psyche/soma. As percepções de movimentos ínfimos, mas de forças poderosas do corpo, sobem à superfície da consciência, infiltram-se nela e tornam-se consciência do corpo, que desencadeia a percepção de movimentos virtuais. O pensamento não pode compreender os movimentos paradoxais do corpo, sem que estes se tornem eles próprios movimentos do pensamento, assim, percorrendo as mesmas vias dos movimentos do corpo, visto do interior, o pensamento se faz corpo.

Desta forma, o corpo se faz corpo com o que acontece a ele. Para Espinosa, o que há, são corpos que se ligam e se desligam e produzem marcas que formam signos que falam dos efeitos produzidos pelos encontros. Encontros que produzem marcas nada explicam sobre a natureza de um corpo, apenas expressam sua potência de afetar e ser afetado. Portanto, trata-se de como o corpo funciona e não o que significa, como ele se expressa num determinado encontro é o que as marcas informam. Então sempre se

está no meio de algo e o meio é o encontro dos corpos, todo corpo dotado da capacidade de afetar e ser afetado.

A questão clínica que se coloca referir-se-ia a inventar uma rede conceitual que dê sustentação à problematização da clínica como um processo. Tratar-se-ia de pensar o ato clínico direcionado ao meio que cresce e transborda, como um campo do invisível, do não-saber, que faz parte do processo de constituição dos corpos. Ato para além da representação. Seria trabalhar a produção de deslocamentos e de intensidades, dando corpo ao que ainda não existe, como próprio a um ato de criação. Buscar formas de liberar a vida, ali, onde ela está aprisionada, na forma constituída de um eu que parou seu processo de transformação.

Partindo do que se conhece em Aulagnier (1979) diria que, o que Vitória apresenta, está no domínio do que a autora chamaria de “processo originário”. Este conceito nomeia uma organização figurativa sobre a qual o eu não tem controle, mas sua ação, em contrapartida, se manifesta pela sua possibilidade de metabolizar a maior parte das manifestações do originário em figuras relacionais, cada vez que um encontro com o outro, desperta a “memória” do corpo. Neste sentido, o sujeito se encontra em uma situação próxima, embora não idêntica daquela que iniciou sua existência, embora tenha passado há muito este momento inicial de sua constituição psíquica. Então, a vida do mundo e o mundo só são representáveis pelos “efeitos somáticos” que acompanham a angústia de um encontro com uma cena vazia. Segundo Aulagnier, a representação dessa vivência traumática torna-se o último recurso que permite ao “processo primário” e “secundário” “fantasmar” e pensar sua relação com essa última e única construção psíquica, por meio da qual, os traços do mundo continuam a existir para a psique. O “processo originário” refere-se a uma “imagem do corpo relacional”, cuja inscrição é uma forma de relação-junção que não porta o “sinal relação”. Só conhece do mundo,

portanto, os efeitos sobre o soma e, só conhece dessa vida somática as conseqüências dos movimentos de investimento e desinvestimento que marcam sua vida psíquica, movimentos em direção à vida ou em direção à destruição e à morte.

Segundo a autora, cada encontro sensibiliza e reconfigura a subjetividade do sujeito, e reforçam-se os movimentos de investimento ou desinvestimento na vida, de acordo com a qualidade do afeto mobilizado pelo encontro. Este movimento torna-se o organizador de um modo de subjetividade e disto decorrem, as respostas que o eu pode dar aos conflitos resultantes do encontro com os outros.

Quando há um predomínio dos efeitos traumáticos do “processo originário”, configuram-se fenômenos que caracterizam a psicose, contudo, todos nós portamos este “fundo representativo”, sem palavras, que em algum momento da vida, assim, como em Vitória, irrompe no psiquismo, como uma intensidade muito forte, carregada de angústia de morte ou movimentos de desligamento da vida, como uma última tentativa de manter uma ligação com a vida e o mundo.

Estudar os registros arcaicos da corporeidade e seus desdobramentos na escuta psicanalítica, implica pensar as dimensões do originário do corpo. Se pensados como restos, marcas e inscrições no psiquismo do sujeito, na tentativa de construir significados para marcas arcaicas, a pergunta seria: Como fazer trabalhar, na clínica, estes estranhos estrangeiros, a-significantes, que agarrados ao eu, limitam possibilidades de vida?

Neste sentido, o originário desafia permanentemente nossa clínica, que toma a idéia da linguagem representacional ou da concepção de uma cadeia significante, que vê na interpretação um meio privilegiado para a cura e se liga a uma busca de sentido na origem. O originário supõe uma construção arcaica do psiquismo, um fundo originário-representativo com sentidos e sensações de vivências precoces, cuja marca transcrever-

se-á nos outros dois processos psíquicos, o primário e o secundário. Está atrelado a coisas familiares, embora sem significados, fazendo um retorno daquilo que seria representação de marcas traumáticas. Neste sentido, o trabalho clínico deveria fazer um retorno ao tempo passado como restos arqueológicos, preservando o passado e fazê-lo existir a partir de um “fundo representativo” de uma vivência precoce com a mãe, procurando uma representação para o traumático. Contudo, se, considera-se, essencialmente, esta perspectiva como útil na clínica, ela também tem o inconveniente de impossibilitar o acolhimento dos devires.

Em Deleuze e Guattari (2004), devir é extrair partículas a partir do que se é, das formas que se tem: partículas entre as quais se instauram movimentos e intensidades, através das quais se advém.

Devir-outro naquilo que se pode experimentar de composição com outros modos de afecção, outros modos de existencialização, de tal forma que do conjunto assim composto, saiam partículas que entram em relação de movimento e repouso com zonas ainda não conhecidas. No entre, se cria uma zona de indiscernibilidade, onde se encontram movimentos e forças e toda uma combinação que se dá pelos vazios entre as coisas e como ressoam umas nas outras. O entre não é algo localizável no espaço, é movimento transversal, um fluxo incessante, um devir, e, como tal só pode ser definido fragmentaria e provisoriamente, a partir da relação entre dois, que significa não ser um nem outro, não ser ninguém. Estar no meio é não ter concluído, não ter nada, não ter chegado. E, no meio, há apenas o vazio, o não-ser. O corpo não seria mesmo algo, que se tece em torno de um vazio, cujas maneiras de se lidar com este vazio, produziria um corpo cujo tom, cujo ritmo se marcaria por um efeito que se tornaria a cicatriz, a marca-ferida como grafia da dor? Lispector (Op. cit., p. 109) com suas mil linguagens, dizia do lugar do invento: “E acima da liberdade, acima de certo vazio crio ondas musicais

calmíssimas e repetidas. A loucura do invento”. Quanto vazio há ao redor dos objetos e de uma época, quanto espaço entre para outras subjetivações ainda não imaginadas, onde a vida pode expandir-se, como ato resultante de interações de indivíduos. Logo, a gênese do sujeito se dá numa fissura que é indeterminação, há antes um devir que se move entre as coisas, pela combinação que se dá no vazio entre os corpos e os movimentos.

Mas, é evidente, que não se trata de esquecer tudo que há na origem. A pergunta seria: Como podem funcionar as marcas a-significantes do originário, sem entendê-las como algo que se representa traumáticamente?

Entendendo-se as marcas como algo que perdura, mas não como representação, tratar-se-ia de pensar um tempo que dura, comportando estratos que se cruzam e se encontram e, configurar-se-ia no domínio do pré-representativo e como diria Nietzsche, não tratar-se-ia de procurar “o que já existia”.

Para Pelbart (2000), trata-se do tempo como duração do fundo que faz uma abertura ao infinito, ao pré-individual do entre que possibilitará o inédito. O tempo passa a ser concebido como uma co-existência de tempos encadeados e insinua-se o tempo intempestivo em sua lógica impessoal incorpórea; virtualidade que não pára de fazer devires e cria a origem a cada vez. Lispector (Op. cit., p. 23) dirá dos tempos que engendram: “À duração de minha existência dou uma significação oculta que me ultrapassa. Sou um ser concomitante: reúno em mim o tempo passado, o presente e o futuro...”.

Um tempo consentâneo à força do novo, que é um tempo alçado à sua máxima potência. Um tempo que sabe impossível chegar à origem, à fonte, à verdade. Um outro tempo construindo-se como texto, reconstrução do vivido. Em sua releitura de Nietzsche (2004 apud Pelbart), Deleuze pensa o eterno retorno como uma síntese do

tempo e das suas dimensões, síntese do diverso e da sua reprodução, síntese do devir e do ser que se afirma no devir. Assim, na “repetição retorna apenas o não-Mesmo, o Desigual, o Outro, Ser do Devir, Eterno Retorno da Diferença”.

Maldiney (2000 apud Pelbart) dirá que estamos no que chama de ritmo que não comporta uma extensão temporal, nem duração contínua, mas o que poderia se chamar na linha de Bergson de “tensões de duração”. Ritmo é o meio em que as coisas são na sua natureza, é a forma da presença, o como. É um existencial como fundo do mundo no qual estamos perdidos. O ritmo como um fundo que eclode na mais íntima sensação de surpresa em relação ao real, que já é o que se esperava e, que, no entanto, “está sempre já aí”.

A origem, portanto, está sempre antes do corpo, antes do mundo, antes do tempo e, sua emergência se dá na entrada em cena das forças em erupção que faz o impessoal saltar ao primeiro plano. Este jogo mostra um combate onde lutam uns contra os outros, frente a circunstâncias adversas, e também, na tentativa de escapar da destruição e recuperar o vigor a partir de seu próprio debilitamento. Descobre-se, então, que por trás dos disfarces, das astúcias existe “outra coisa diferente”, que foi construída peça por peça a partir de figuras estranhas que conspiram nas sombras dos corações.

Os objetos não se esgotam naquilo como se apresentam, em torno deles há todo um campo do possível a ser efetuado, outras formas de se constituir. O sujeito é descentrado, não é ele quem fala e vê as coisas do mundo, mas sim, é visto e falado pelas condições do seu estrato histórico. Não há nenhum oculto a ser revelado, há incisões a serem feitas nos estratos históricos para que o invisível “já-presente”, busque passagem e ao fazê-lo produza rachaduras. Nesta perspectiva, o que há a ser feito é investir nas rachaduras.



Busca-se uma linguagem para dizer o corpo impregnado de tempo, e que remete à origem escondida do corpo no inumano, no mundo das coisas e das palavras que conheceram invasões do Fora. Este invisível é o pré-individual, o informe; singularidades que se atualizam em coisas e estados de coisas. As relações estabelecidas no plano pré-individual são do tipo agenciamentos, elas se fazem por contingência, implicando uma montagem indefinida de composições. O trabalho analítico seria aquele que toma o “já presente”, esta forma pré-corpo dos modos de funcionamento, e põe a funcionar outros modos, inventa linhas de fuga, para contagiar pontos de multiplicidades pré-individuais. O singular emergiria assim, da multiplicidade e as identidades seriam convidadas ao mergulho na agitação das diferenças.

Pelbart (2004) afirma que, isso leva a pensar o originário-gênese, no sentido de um fundo onde os indivíduos se constituem e que diz do fundo dos indivíduos e do próprio mundo. Um mundo originário que tem caráter de informe, como um fundo feito de matérias não-formadas, e que é um fundo indeterminado e virtual, do qual faz referência Deleuze. Um fundo como memória constituída de passados, que comunicam-se entre si, que se afunilam e se exercem sobre uma ponta de presente. Numa lógica bergsoniana, a memória deixaria de ser uma faculdade interior ao homem, para ser uma memória-mundo em que o homem habita. Um tempo que dura num fundo indeterminado capaz de fazer combinações inesperadas, onde a origem de tudo desloca-se para o entre.

Isto faz transpor o “fundo representativo” do processo originário de Aulagnier, para um “fundo indeterminado”, como o mundo originário do qual fala Deleuze. Para Aulagnier, o fundo representativo está forcluído do poder de conhecimento do eu e representa, estados do corpo e sensações. Fora da psicoterapia, seus efeitos se manifestam através de sentimentos indefiníveis que a linguagem traduz por metáforas,

cujo sentimento profundo é expresso como: “sentir-se bem na própria pele”, “estar em forma, estar bem”, “sentir o corpo em pedaços”. Pensar-se-ia este fundo funcionando como uma tendência, marcas, traços dos sujeitos, o tempo como duração, que potencializaria as virtualidades. Seria, então, como um reservatório de potencialidades, antes que um fundo representativo.

Desde este ponto de vista, o devir do ser que supõe uma multiplicidade de singularidades pré-pessoais, requer uma concepção de estrutura como a que propõe Deleuze (2004 apud Pelbart), que é antes uma combinação de elementos que por si só não tem forma, significado, conteúdo. Seria uma espécie de “reservatório” onde tudo coexiste virtualmente, onde a atualização se faz segundo direções exclusivas, implicando combinações parciais e escolhas inconscientes. No meio não há identidade que se sustente, a não ser na sua evidente provisoriedade. Não podemos, portanto, falar de estrutura como disposição ordenada de partes que compõe um todo. O plano do qual se fala é de fluxos, de deslocamentos, de energia em processo de transformação. Uma lógica do sentido que escapa do “é” que identifica e se afirma no “e” que multiplica. Detectar a estrutura de um domínio é, portanto, determinar toda a virtualidade de coexistência que pré-existe aos seres, aos objetos e as obras desse domínio. Falar-se-ia, antes de uma estrutura da relação, que contingentemente configura os termos. Há estruturas, mas provisórias, fragmentárias, fluídas, sem limites precisos, elas nada explicam, devem ser explicadas pelos agenciamentos que as estão constituindo.

De modo análogo, em Aulagnier (1979) encontra-se o conceito de potencialidade, ao invés de estrutura, para caracterizar uma forma de conceber a mente aberta a múltiplos e diversos cruzamentos possíveis, o que parece dar conta de uma abertura ao meio, ao invés de uma busca no início para as determinações da vida, como se está delineando. Segundo a autora, o “efeito de encontro”, resultado de marcas que

determinam a constituição do sujeito e o acontecido, é decisório. Potencialidade pode ser definida como um modo de “encarnar-se” um drama em cada sujeito; é aquilo que espera entrar em jogo, a partir de certas combinatórias possíveis, ou seja, o efeito de intersecção entre singularidades de cada sujeito e a combinação entre o predizível e imprevisível.

A compreensão do sujeito não passaria, então, exclusivamente, por uma concepção do inconsciente que incide sobre pessoas e objetos, mas rearranjos incessantes, mobilizados por deslocamentos e intensidades. Como dirá Pelbart (2004), não há afundamento na memória, mas deslizamento da superfície; criação de caminhos sem memória, onde se atinge as velocidades e as forças, onde os tempos se comunicam e se cruzam. O inconsciente sairia da problemática do encadeamento passado-presente e arrastar-se-ia em direção à lógica do virtual-atual, abandonando a concepção reativa da vida. O passado seria um virtual que insiste, que dura. Compõe-se de afectos e perceptos que foram captados na época do que aconteceu e que fizeram a obra. Seria o Fora dentro do sujeito, os impessoais e pré-individuais, inumanos e incorporais que se tornam vida, nas conexões entre os corpos.

Essa forma de entender o corpo como algo em processo de devir marcado por uma lógica da criação, instala na clínica, um modo de pensar incomum, intempestivo, que busca contatar o Fora, com o intuito de agir sobre o tempo em favor de um tempo por vir. A apreensão desse virtual é, portanto, o que dá conhecimento ao corpo; sobre o atual está sempre correndo imagens virtuais que podem ser potencializadas. A clínica pode ser vista como um diálogo com o virtual, tomando o invisível do fato, onde a coisa se toca com o pensamento, dando lugar a uma visão que ilumina o instante e produz a diferença, a sensação, que desafia qualquer opinião, qualquer estrutura.

Em Nietzsche (1997 apud Foucault) o corpo é a superfície de inscrição dos acontecimentos, numa articulação entre corpo e história. Um corpo impregnado de história e uma história com suas intensidades e agitações, que arruinariam o corpo. Seria reintroduzir no devir, os impessoais, o inumano; tudo que preferiria permanecer mudo, que agita o que permaneceria imóvel, fragmenta o que se pensaria único e introduz a descontinuidade no ser.

Na clínica, seria colocar em ação o histórico em suas relações com o a-histórico, ou seja, pela via da história contatar o a-histórico. Pinçar, nunca deliberadamente, aquele fragmento, em especial os a-significantes para colocá-los no dispositivo, intercalando-se nele como uma peça a mais, cujo desejo seja fazer funcionar. Algo vem do passado que não coincide exatamente com o que foi vivido. A história não é a via privilegiada da clínica, mas a via dos afectos intensivos que alojam os impessoais. Desde este ponto de vista, a abordagem da repetição deixa de lado a produção desejante que é essa denominação do a-histórico. Não é a origem a razão da história, mas a afirmação da criação, que habita o acaso. Logo, tratar-se-ia de criar a origem sempre provisoriamente, antes que curar marcas traumáticas da origem.

Pelbart (2000) entrevê no originário de Aulagnier, um domínio equivalente à região do pré, visada pela relação pática, que diz respeito às sensações primitivas, aos estados vividos mais originários, pré-conceituais. Antes mesmo de um ser no mundo há um sentir, sem referência ainda a algum objeto percebido. Diz o autor, que é nesse nível que o engendramento de uma forma é possível. Passa-se antes da obra; seria o aberto, no vazio que aciona outras possibilidades, que a obra pode engendrar-se. Ocorre, então, um ajuntamento, não de coisas, mas de processos e movimentos como condição para a emergência de configurações diversas.

Jean Oury (2000 apud Pelbart) referirá que na psicose o que conta é esse espaço pré-representacional, pré-intencional, pré-perceptivo, constituindo toda uma zona do pré, “região do pré” que pode ser chamada de relação pática. O que não ocorreu, na psicose, segundo o autor, foi o recalque originário, porque não houve o esquecimento do vazio do “inteiramente outro” hostil sempre ameaçador, contra o qual não há proteção alguma. Trata-se de um vazio que não pode ser encerrado e em torno do qual algo poderia ter sido inscrito e, portanto, provoca uma hemorragia.

Deleuze toma a esquizofrenia como personagem conceitual, para situar esta região do pré, portadora de fluxos que escapam aos códigos, que correm por toda a parte, que deslizam sobre o corpo do socius. É o lugar onde os corpos e as palavras são ao mesmo tempo, separados e articulados por uma fronteira incorporal; onde o expresso puro das palavras e o atributo lógico dos corpos se tocam. Tratar-se-ia do incorporal dos corpos, este fundo indiferenciado, que misturado a outros corpos e seus incorporais, produz o sentido.

Essa profundidade psicótica dos corpos não é privilégio dos psicóticos. Todos os seres podem contatar com esta região do pré, através de um corpo sensível, que se pode entender como possibilidade de acessar ao não-ser, ao impessoal, que cria novos sentidos e possibilidades de vida. Não seria o frágil a ser tomado como forte, mas como singularidade do corpo. Tratar-se-ia de positivar um impasse, um obscuro, um negativo que pode paralisar as transformações do sujeito. Encontra-se a gênese do sentido saindo dos movimentos dos corpos; movimento que vai da profundidade à superfície e nela se espalha, recuperando todo o sentido incorporal.

Pelbart (1989) dirá que o corpo se configura como uma prática anti-interiorizante. O corpo não se constituirá num controle sobre o tempo, seja sob sua forma de rememoração de um passado, ou pelo anúncio de um futuro. Mas tampouco

será a manifestação de um nada, de um vazio. Assim, quando algo se produz, está se construindo a partir do pático, esse tempo do pré, tempo enlaçado à matéria flutuante no narcisismo originário. O rumor incessante e informe do corpo evoca o esquecimento e a espera, onde há a possibilidade de uma apreensão que constitui sujeito e objeto. Daí que se suscitem turbulências intensíssimas no espaçamento diferenciante das forças. Daí o estabelecimento de uma relação mediata com o exterior. A relação com o Fora não é dissolvida por uma interioridade, numa interioridade. É neste sentido, que uma nova relação com o Fora suscita um novo corpo.

Num mundo que se configura no domínio do pré-representativo, a tarefa analítica seria agenciar o inominável, aquilo que ainda não é. Lispector (Op. cit., p. 97) retratará isto que ainda não é e não tem nome, que evoca reinos incommunicáveis do espírito, onde o traço se torna existência: “Minha história é de uma escuridão tranqüila, de raiz adormecida na sua força, de odor que não tem perfume. E em nada disso existe o abstrato. É o figurativo do inominável.” O que deseja Lispector é a pureza que consiste na idéia de coisa-se-fazendo, o sangue fervilhando nas entranhas do que um dia será? Seriam essas as formas para alcançar o “figurativo do inominável?”. Parece ser o que insiste na tarefa de captar o que escapa ao que não tem nome e à figuração. Tratar-se-ia de recomeçar do início, do que ficou em aberto, na espera, no vazio, onde a palavra cai no silêncio e suscita sua retomada mais adiante.

O campo do inominável, implica suportar o não-saber e buscar o caminho inverso, aquele que inicia a investigação pela superfície. Estar na superfície é estar presente, assumir o fundo, tomar pé num ilimitado, numa abertura ao inesperado, que faz possível aquilo que a princípio é impensável. No fundo, não há uma página vazia, há o irrepresentável do pré-individual, impessoal, o inumano. Este estrangeiro desconhecido que vem do coração selvagem, que é o primeiro e faz possível o

encontro. Coração selvagem como o anuncia Lispector (Op. cit., p. 27) “Minha selvagem intuição de mim mesma. Mas o meu principal está sempre escondido. Sou implícita”. O impessoal seria, assim, feito de impulso vital e intensidade, traços que vão se relacionar com os outros, produzindo devires constantes. O vivido surge como se saltasse da obscuridade criadora, fazendo operar transformações.

A superfície é o lugar da inscrição; não um lugar povoado de falas, atos com significados a serem descobertos para encontrar o oculto, o mais profundo. Na profundidade, há corpos que querem exercer suas potências, eles estão permanentemente se encontrando e se misturando, na superfície sem fundo. A superfície é montada pelas relações que os corpos criam entre si, e, o que se pode saber de um corpo é aquilo que se expressa no encontro. O que se produz na superfície, é da ordem do não-ser, do incorporal, que estabelece uma maneira de ser. Ocorre na superfície, porque está aberta a conexões, porque se põe um catalizador poético existencial de devires que insistem em se expressar.

Tomar pé na superfície é possibilitar múltiplas direções que os agenciamentos podem imprimir aos corpos. É explorar, na multiplicidade pré-individual, devires-outros que se insinuam. Estar em contato com vastas dimensões da existência, onde o desejo passa a expressar-se, conectar-se, portanto, uma nova constelação de universos de referência. Experimentar na superfície, é perguntar o que está se passando naquele modo de subjetivação, pontuar cadeias discursivas em ruptura de sentido, perguntar se linhas sedentárias ou linhas de fuga estão compondo aquele território existencial.

Como pensar este trabalho onde “as palavras e as coisas se tocam”, lugar que possibilita a criação do novo? Deleuze criou o conceito de corpo sem órgãos para fazer o movimento de subida do pré, enterrado no fundo, à superfície do corpo. Este movimento faz desaparecer a dimensão interior do corpo, que se constitui como

exterioridade pura, puro Fora. O corpo sem órgãos entra em contato com singularidades não-individuais, onde cada gesto, cada palavra, cada som, possa ser como um rizoma, onde qualquer ponto se liga com qualquer ponto e faz sempre novas combinações. É o corpo feito de intensidades e tensões, de matéria informe, por isso irrompe na história, produz fraturas naquilo que estava congelado, colocando em análise modos de viver e existir. Opõe-se a funções pré-determinadas a cumprir e, nele, se dá a experimentação que ousa novas construções, onde os agenciamentos se dão em busca de outros modos de expressão, onde se engendra a criação e movimentos de singularização. Define-se como um movimento para a experimentação e não o resultado de um saber, que não deixa a ninguém, o poder de colocar questões e criar. Algo que nos aproxima de uma experiência clínica que toca a história, os corpos e o devir. Devir não é ajustar-se a um modelo, em que se fala de um pessoal ou universal, onde se encontra um ponto de partida ou um ponto de chegada, mas capturar o mais imperceptível dos atos, que pode estar contido em uma vida expressa em um estilo. Devir-outro é desmanchar o eu e fazer contato com fluxos informes que habitam o terreno da multiplicidade pré-individual.

Joel Birman (2002), refere que o corpo sem órgãos é um modo de enunciar uma outra interpretação possível do conceito de recalque originário. Poder-se-ia fazer uma equivalência que remete o recalque originário ao “processo originário”, não como corpo que contenha a potencialidade para a patologia, mas como uma potencialidade virtual, cuja fragmentação e vazio de significados potencializaria devires. Assim, penso ser possível correlacionar este “corpo originário” com o conceito de corpo sem órgãos, para fundamentar a tese de uma clínica fundada no impessoal, numa concepção de subjetividade centrada na idéia de singularidade. Tomar o corpo sem órgãos como um intercessor, como um vir-entre, que procura se conectar aos movimentos invisíveis, às



composições de fluxos, que ainda não se atualizaram, para criar outras histórias, outras conquistas.

O corpo torna-se forma com a “encarnação” dos conjuntos de fluxos mudos e informes do Fora, através do corpo sem órgãos. Os fluxos se conectam incessantemente, produzindo signos em suas composições. Ao afirmar-se que o desejo é um sistema de signos a-significantes, ao qual nada falta, está-se marcando no signo seu caráter de ser aberto à criação de sentido e, enquanto elemento a-significante, uma diferença que está se engendrando, um elemento virtual que atrai partículas dispersas de modos de subjetivação, produzindo novos terrenos existenciais.

O corpo sem órgãos da profundidade trazido à tona, seria capaz de potencializar-se na superfície, ao fazer funcionar a lógica dos afectos que provoca diferença e turbulência, criando-se, assim, um vazio por onde as potencialidades virtuais podem exercer-se fora dos modelos que enclausuram o corpo. O caos que emerge a partir desse vazio, suscita a visão e faz descobrir o “indivíduo primordial”. Abolindo-se, portanto, o demasiado humano, o demasiado vivido, encontra-se o impessoal, que ganha forma quando se acopla numa conexão, desdobrando o que permaneceria nas dobras secretas de uma experiência interior. Ninguém está na alma daquele que é desprovido de sujeito e de eu, nem Édipo, nem Narciso. Precisa-se da função do impessoal, para livrar-se desses conhecimentos prévios, que querem dizer o que já seria, para favorecer e abrir caminho para esta presença, este Fora na superfície. É essa “quarta pessoa pela qual ninguém fala, da qual ninguém fala e que, todavia existe”, segundo Lawrence Ferlinghetti. (2000 apud Schérer, p. 25) Não submetido as regras de organização do mundo e do eu, é a partir das forças da superfície que o impessoal traça suas linhas de fuga e devires.

O corpo dá passagem ao impessoal, para reencontrar o coração selvagem, um inconsciente pré-individual, pura imanência, que destrói o eu para torná-lo outro. Seria devolver ao homem seu texto primitivo e selvagem, para num movimento inverso, torná-lo civilizado. Stiegler (Op. cit.) dirá que longe de fazer o homem sair da animalidade, o entendimento do ser, seria, o que confirmaria seu enraizamento na vida, na carne, na animalidade. O homem, então, teria a missão de por si mesmo, religar os signos, os quais herdou, e que faz dele o único ser falante e a ter o mais alto grau de individuação.

Implicaria voltar ao primitivo, que reencontra um tempo perdido, antes que falar ao eu para dominar sua barbárie. Para Mattéi (2002), a violência não vem do exterior, consiste, sim, na retirada do sujeito para sua interioridade, que privada da luz do exterior, do mundo e dos homens corre o risco de sujeitar o homem a si mesmo e petrificá-lo diante de seu próprio espelho em puro objeto de representação. Recusando seu enraizamento em sua própria barbárie interior, deixando em baixo a desordem das pulsões, o homem abandona-se a solidão e ao vazio. Males da intimidade no momento que se recusa à presença do outro.

Está-se, portanto, frente a um outro modo de conhecer a potência de um corpo. Se há um não-saber do corpo, restaria, para a escuta clínica, tomar o corpo, potencializar o acesso ao impessoal, abrindo o olhar ao sensível e às pequenas coisas, compondo novos saberes e novas transformações, que significa ultrapassar seus contornos, reinventando formas e intensidades. Seu foco seria atingir uma linguagem constitutiva, que ultrapassa a linguagem representacional, que atribui ao sujeito o poder de chegar à verdade sobre o corpo. Logo, voltar ao texto primitivo, para reconhecer a necessidade de realizar por si-mesmo suas próprias interpretações.

Porque não se sabe antecipadamente os afectos de que o corpo é capaz, tratar-se-ia de uma longa história de experimentação, uma sabedoria que implica a construção de um plano de imanência. O encontro entre as partes expressivas no nível dos corpos, é o que mobiliza a cena, e, neste sentido, o impessoal livra-se de conhecimentos prévios para engendrar a vida, onde os valores estão sempre se reescrevendo. Ele opera transformações muito delicadas na experiência corporal, que levam ao surgimento de um outro corpo. Essas transformações não se fazem, imediatamente, com significações delimitáveis, como uma nova organização, como um resultado determinado e fixo, algo que se alcança ou se passe a ter sob domínio, e, como algo definitivamente conquistado. Ao contrário, é algo a ser continuamente feito e refeito, que se repete e se retoma, como um processo de expressão do que está se formando. A passagem pelo corpo sem órgãos é, portanto, lidar com o corpo como invenção, em constante devir.

O corpo sem órgãos, na clínica, seria pensado como uma prática, fazendo-se a partir de uma escrita de seus potenciais. Abrir-se-ia às sensações e aos afectos, que são as sensações do texto primitivo, instrumentos para um processo inventivo que autorizam a criação do novo. Seria, portanto, como um campo de experimentação na lógica dos afectos e perceptos, que são as memórias intensivas e memórias do corpo no nível das sensações, que produzem a diferença. A maneira da sensação responder ao fundo indiferenciado é contemplando os elementos da matéria, contraindo-os e enchendo-se deles. Contemplar é criar. A sensação preenche o plano de composição e preenche a si mesma com aquilo que contempla. O ato clínico pressuporia, deste modo, sair do plano do significado, do conteúdo e evidenciar o vazio do entre as coisas para ser imantado novamente. Seria dar condições ao corpo para essas sensações-coisas que nos tocam nesta capacidade de viver o atual e virtualizar o presente. Sair do mundo cheio de marcas do fundo, e da interioridade, para fazer as próprias marcas.

Admitindo-se a primazia do impessoal e o primado da relação, recoloca-se a necessidade de uma outra concepção para a intervenção analítica, não como um novo modelo, mas como um ponto de vista, uma nova maneira de pensar. Um modo diferente de caracterizar a problemática que escutamos, que implicaria uma tolerância à diferença e a adoção de uma estratégia de desconstrução para possibilitar o advir do inconsciente em sua potencialidade desejante e produtiva. Mobilizar um pensamento que possibilitaria os processos de afecção em curso, numa atitude como um estilo que reflete fundamentalmente o modo de pensar o que se produz nos encontros.

Sempre se está no meio de algo e o que os encontros produzem não é nenhum, nem outro, está no entre. O meio é feito de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos que interferem em situações dadas. Logo a cada configuração de forças, o mundo organizar-se-á de uma determinada perspectiva. As interpretações expressam certas relações de forças que se relacionam de certa maneira. Nesta perspectiva, a interpretação deve levar em conta não de onde vem, mas como está operando a produção dos agenciamentos e conexões.

Deleuze (1997) dirá que o inconsciente já não lida com pessoas, mas com trajetos e devires, é, portanto, um inconsciente de mobilização, cujos objetos, mais do que permanecerem afundados nas profundezas, levantam vôo. As crianças o demonstram, quando não param de dizer o que fazem ou tentam fazer. Elas exploram os meios por trajetos dinâmicos e traçam o mapa correspondente. Os mapas não são só entendidos em sua extensão, mas também na intensidade que diz respeito ao que preenche o espaço, no que tem de devir. Cada mapa é uma redistribuição de impasses e aberturas, de limiares e clausuras, que vai de baixo para cima.

A produção do encontro tornar-se-ia, uma criação tipo rizoma, que procede por cruzamento de linhas, pontos de encontro no meio, onde não há sujeitos, mas um

deserto povoado de almas e agenciamentos com suas substituições, seus ecos, interferências. É esse o lugar em que o foco é a criação. O que se cria toma o primeiro plano.

Estando frente a outro modo de conhecer o sujeito, onde ele se constitui nos movimentos imperceptíveis da superfície, a interpretação e a transferência incluem outras dimensões. Ambas não são, essencialmente, alguma coisa que fala por ou aponta o que falta, mas algo que funciona como um processo, continuamente se fazendo e refazendo, construindo territórios e desfazendo outros. Estamos condenados a viver num mundo infinito, que encerra questões sempre infinitas.

A transferência também produz agenciamentos, busca conexões e formas de se expressar. A transferência, se colocaria, como lugar de emergência do que antes não existia nem poderia existir, porque produz um fato novo da relação com o outro. Berenstein (2001) demonstrará que o que vem do outro brinda um conjunto de impressões novas e inapreensíveis, totalmente pela representação e, portanto, insistem como apresentação. Não se trataria, neste caso, de ampliar as bordas do campo da transferência, para dar lugar a tudo que se passa na sessão, mas privilegiar o novo que vai dar lugar a novas inscrições. Pensar a transferência a partir do uno leva a totalizar o conceito de transferência e incluir nela tudo que acontece na situação analítica.

Berenstein (Op. cit.) chamará interferência a isso que se produz entre analista/analizando, pela ação do encontro-desencontro, dependente de cada singularidade. Interferência é o que se produz na sessão como uma qualidade que não é possível de ser pensada desde um reencontro com o passado, por não se tratar de um perdido, mas de um achado inédito. Neste caso, não se trataria de ampliar as fronteiras do campo da transferência para dar lugar a tudo que ocorre, mas começar a deixar um lugar para que se produzam outras situações. Seria o que não se esperaria, mas ocorre

nessa zona do indecível, no meio. Inauguraria uma outra zona de relação e deveria estabelecer uma concepção conceitual diferente da instituída. A interferência tem um efeito de excesso, decompõe a transferência e introduz outro trabalho a realizar, que começaria ali no entre, onde não há coincidências, antes o inominável do entre, que gera inconsciente.

Desde esta perspectiva, uma análise iria além da representação. Seus dias de histórias, revelariam uma narrativa infinita, criando o novo ali onde estão inscritas vivências que se repetem. Conversas que produzem uma linha de fuga em sua narrativa, que abre um espaço para uma relação intensa de corpo e fala, que faz aparecer o antes impensável. Aprende-se tendo um corpo que tem uma potência que afecta e é afectado. O analista se colocaria nesta configuração, através da experiência sensível do mundo, de como o mundo o afecta. Ele falaria a partir da alteridade do mundo que se presentifica, não se colocaria apenas como um corpo materno, mas como um outro corpo com alteridade, fazendo do encontro com o outro, uma abertura. Vivendo o fato entre, ali onde há a possibilidade de surgimento de um devir, mais além de reproduzir a situação passada.

A noção de diferença e intensidade ganha novo sentido em nosso trabalho. A ética de nosso fazer clínico, teria a ver com a diferença que força a criar uma nova configuração de existência, uma figuração de si, das relações e do mundo. Diferença que força igualmente a pensar, para que essa configuração se afirme na existência, sem o quê a vida não se engendra.

## V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Está-se frente a outro modo de pensar a saúde, que não é equilíbrio e estabilidade, mas um fazer incessante sujeito a oscilações, paradas, acelerações, vertigens. A saúde está mais do lado daquele que pode arriscar porque tem plasticidade para tanto. Recoloca-se a noção de cura, que não parece remeter a uma adaptação ao real, mas a possibilidade de levar ao limite a liberdade para pensar e desejar. O sofrimento seria mais a impossibilidade de viver de uma forma criativa e singular, do que propriamente uma patologia.

O que se tem, então, é uma clínica como clínica da vida, que põe em contato com o que sempre esteve ali o tempo todo como um fundo, uma reserva, uma escuridão que é o nosso fundo e o do mundo, onde estamos todos imersos. Seria abrir possibilidades de criar, para encontrar para cada singularidade, um certo estilo de viver como uma obra de arte.

A vida não é de ninguém e é de todos. Pertence ao vazio e ao infinito e não à uma forma figurativa. Canguillhem (1989 apud Pelbart) referirá que, a vida mais que o homem institui suas normas, que são ao mesmo tempo condições de sua preservação e luta contra os perigos que a ameaçam. A vida dita as normas que lhe permitem manter-se e crescer e novas normas quando se vê ameaçada. Logo, a saúde seria a capacidade de instituir normas nas flutuações das situações num fazer incessante, como também, criar novas normas, arriscando a própria vida. É o doente que economiza, pois ele tende a reduzir suas normas e estabilizar suas condições de vida. É aquele que perdeu a capacidade de instituir novas normas para condições novas, porque não tolera o desvio, que leva uma vida de possibilidades limitadas.

Deleuze (1996) dirá que vivemos numa linha que não está no pensamento ou nas coisas, mas está em toda a parte, onde o pensamento enfrenta algo como a loucura e a vida, ou a morte. Vivemos em tais linhas sempre que pensamos com suficiente vertigem ou que vivemos com bastante força.

Para o filósofo, essa linha, é a linha do Fora e, é o que está mais longe que qualquer mundo exterior, e, também, o que está mais próximo que qualquer mundo interior. Ela é violenta, mortal, demasiado rápida. Seria preciso transpor esta linha, torná-la visível, praticável, pensável, fazer dela tanto quanto possível uma arte de viver. É preciso dobrar a linha sem cair num vazio irrespirável, ou na morte e, assim, construir uma zona vivível, onde seja possível alojar-se, apoiar-se, respirar e pensar.

Nada mais estranho ao ser humano, do que este Fora irredutível como uma vertigem no espaçamento, que ao mesmo tempo lhe dá origem, lhe escapa, o transforma e o ameaça de todos os lados. Há um risco constante àquele que está exposto ao caos-devir, este imaginário impossível, que é essencial para a vida do pensamento e do corpo.

Para Pelbart (1989), quando cessa o enfrentamento com a linha do Fora, cessa o diálogo, que resulta num enclausuramento no Fora. Essa superfície de inscrição vem abaixo, o sentido e as palavras perdem sua capacidade de exprimir o efeito incorporal das ações e paixões do corpo. As palavras retornam, viram coisas, estados de coisas, tornam-se perigosas, penetrantes, envenenadas, impermeáveis. O sentido, que através do non sense articulava o atributo lógico dos corpos e a expressão das palavras, deixou de ser fronteira incorporal. Quando uma fronteira se apaga, deixa de haver, por um lado, um mundo de coisas e, por outro lado, um sistema de linguagem, articulados entre si por uma diferença. Essa fina película que articula o sentido, mergulha na materialidade selvagem das coisas, transformando-se em algo semelhante a um infra-sentido.



Pelbart (Op. cit.) dirá que, no psicótico, rompeu-se essa membrana de sentido, que traga a própria superfície. A loucura é, portanto, clausura do Fora num Dentro absoluto, tornado profundidade absoluta. O corpo suga tudo e tudo vira corpo, corporal, penetração, infiltração. Tudo crava a carne, perfura a pele, atravessa o corpo, projetando nele imagens materializadas. Esse é o corpo despedaçado.

Neste sentido, Naffah Neto (1994) referirá que, no psicótico não há a tradução do campo-de-forças numa experiência que possa dar lugar a consciência, e há a falta de um território de vida capaz de acolher as experiências marginalizadas. No neurótico, estabelece-se um código totalitário que aprisiona o circuito-de-forças e, dirige as experiências passadas de modo que invadem e dominam o presente. Fixa, portanto, uma série regular de trajetos, que transforma seu vir-a-ser em trajeto incessantemente reproduzido. Torna-se prisioneiro do Dentro.

A doença, portanto, não é fundamental, nem originária, ao contrário, aponta para o Fora. A vida de tão exposta à indeterminação das forças, fica impermeável e alheia a estas forças. A doença é, portanto, cristalização e fechamento ao Fora, ao caos criador, esse por fazer incessante. Pelbart (Op. cit.) dirá que a doença é fruto de um fracasso moral, temporal e socialmente localizável, referido ao entorno histórico que o produziu. Logo, há uma detenção de um processo de criação, de expansão de vida, vida que quer sempre mais.

A prática clínica que está implicada, nesta perspectiva, aponta para o Fora, como um ato criador que ordena o caos e estabiliza o devir. Tratar-se-ia de introduzir o homem na ordem do tempo e das normas sociais, dando acesso histórico àquilo que arruína a história, que seria entrar em contato com a não-origem, a ausência de tempo, o inumano, o anônimo; condições que possibilitam o fato psicológico e sua interpretação. Significa ir além, de uma interioridade individualizada e de um teatro imaginário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULAGNIER, Piera. **A Violência da Interpretação**. Do Pictograma ao Enunciado. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1979.

\_\_\_\_\_. Piera. Nascimento de um Corpo, Origem de uma História. In.: **Corpo e História**. IV Encontro Psicanalítico D'Aix-Em-Provence-1985. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BERGSON, Henry. **A Evolução Criadora**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1964.

BERENSTEIN, Isidoro. **El Sujeto y el Otro**. De la Ausencia a la Presencia. Buenos Aires: Piados, 2001.

\_\_\_\_\_. Isidoro. **Devenir Otro con Otro(s)**. Ajenidad, Presencia, Interferencia. Buenos Aires: Piados, 2004.

BIRMAN, Joel. Os signos e seus excessos. A Clínica em Deleuze. In. ALLIEZ, Eric. (org) **Gilles Deleuze: Uma vida Filosófica**. São Paulo: Editora 34, 2000.

CALVINO. Ítalo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

CORAZZA, Sandra. Pesquisar o Currículo como Acontecimento: Estudo em V Exemplos. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Linhas de Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

DELEUZE, Gilles. **A Dobra**. Leibniz e o Barroco. Campinas: Papiri, 1981.

\_\_\_\_\_. Gilles. **Cinema I: A Imagem-Movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. Gilles. **Cinema2: O tempo-Imagem**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Porto, Portugal: Rés-Editora Ltda.

\_\_\_\_\_. Gilles. **Espinosa**. Filosofia Prática. São Paulo: Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_. Gilles. **Lógica do Sentido**. Estudos. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

\_\_\_\_\_. Gilles. **Crítica e Clínica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1988.

\_\_\_\_\_. Gilles. **Espinosa**. Filosofia Prática. São Paulo: Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_. Gilles. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. Gilles. **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. Gilles. A imanência: uma Vida. In.: **Revista de Educação & Realidade**. V. 27, no. 2. Porto Alegre, Jul/dez, 2000.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**. Capitalismo e Esquizofrenia. Lisboa: Assírio & Alvim, 1966.

\_\_\_\_\_. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997, vol. 3.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004, vol. 4.

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DOEL, Marcus. Corpos sem Órgãos: Esquizoanálise e Desconstrução. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos Humanos**. Nos Rastros do Sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DOMÈNECH, Miguel et al. A dobra: Psicologia e Subjetivação. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos Humanos**. Nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ESPINOSA, Baruch. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril S/A, 1979.

FOUCAULT, Michel. O que é o Iluminismo. In. ESCOBAR, Carlos Henrique (org) Michel Foucault. **O Dossier**. Últimas Entrevistas. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche. **La Genealogia, La Historia**. Espanha: Pre-Textos, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 1999.

GIL, José. O Corpo Paradoxal. In. LINS, D. & GADELHA, S. (org) **Nietzsche e Deleuze: O que pode o Corpo**. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 2002.

GUATTARI, Felix. Linguagem, Consciência e Sociedade. In.: LACETTI, A (org) **Saúde e Loucura**, no. 4, São Paulo: Hucitec, 1990.

GUATTARI, Feliz. **Caosmose**: um Novo Paradigma Estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

LAPOUJADE, David. O Corpo que não agüenta mais. In.: LINS, D. e GADELHA, S. (org) **Nietzsche e Deleuze: Que pode o Corpo**. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

KATZ, Chaim Samuel. Crianceria. In.: **Cadernos de Subjetividade**. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, PUC-São Paulo, Jun/1996.

MATTÉI, Jean-Francois. **A barbárie Interior**. Ensaio sobre o I-Mundo Moderno. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

NAFFAH NETO, Alfredo. **O Inconsciente como Potência Subversiva**. São Paulo: Escuta, 1992.

NAFFAH NETO, Alfredo. Um corpo no Divã. In. **Cadernos de Subjetividade**. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, PUC-São Paulo, 1º. e 2º. Semestres, 1996.

NAFFAH NETO, Alfredo. Princípios para uma Psicoterapia Genealógica: a Vida como Valor Maior. In.: **Cadernos de Subjetividade**. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica. PUC-São Paulo, Mar/ago-set/fev, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Da Utilidade e Inconvenientes da História para a Vida**. Lisboa: Livrolândia, s/d.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Editora Schawarcz Ltda, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Os Pensadores**. Obras Incompletas. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

PELBART, Peter Pál. **Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura: Loucura e Desrazão**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PELBART, Peter Pál. **O Tempo Não-Reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PELBART, Peter Pál. **A Vertigem por um Fio: Políticas de Subjetividade Contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PORTO, Maurício. O Grito de Munch. Pensamento sobre os Corpos da Psicose. In.: **Cadernos de Subjetividade**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, PUC-São Paulo, 1º. e 2º. Semestres, 1996.

ROLNIK, Suely. Pensamento, Corpo e Devir. Uma Perspectiva Ético/Estético/Política no Trabalho Acadêmico, In.: **Cadernos de Subjetividade**. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, PUC-São Paulo, Set/fev, 1993.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos Eus. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos Humanos**. Nos Rastros do Sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SCHÉRER, René. Homo Tantum. O impessoal: uma Política. In: ALLIEZ, Éric (org). **Gilles Deleuze: Uma vida filosófica**. São Paulo: Editora 34, 2000.

STIEGLER, Bárbara. **O Animal que Promete**: Deleuze e o Problema da Memória segundo Nietzsche e Bergson. Traduzido por Paulo Germano Albuquerque e Daniel Lins. Texto digitado, 2005.